



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO CCE
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

**Ana Cristina Machado
Maria Fernanda Somenzi Salinet**

*Elas resistem –
Mulheres nordestinas no rock*

**RELATÓRIO TÉCNICO
do Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à disciplina de *Projetos Experimentais*
ministrada pela Prof^ª. Fernando Crocomo
no primeiro semestre de 2018
Orientadora: Prof^ª. Cárilda Emerim**

**Florianópolis
Junho de 2018**

FICHA DO TCC	Trabalho de Conclusão de Curso JORNALISMO UFSC	
ANO	2018.1	
ALUNAS	Ana Cristina Machado e Maria Fernanda Salinet	
TÍTULO	Elas resistem - Mulheres nordestinas no rock	
ORIENTADOR	Cárlida Emerim	
MÍDIA	<input type="checkbox"/>	Impresso
	<input type="checkbox"/>	Rádio
	<input checked="" type="checkbox"/>	TV/Vídeo
	<input type="checkbox"/>	Foto
	<input type="checkbox"/>	Website
	<input type="checkbox"/>	Multimídia
CATEGORIA	<input type="checkbox"/>	Pesquisa Científica
	<input type="checkbox"/>	Produto Comunicacional
	<input type="checkbox"/>	Produto Institucional (assessoria de imprensa)
	<input checked="" type="checkbox"/>	Produto Jornalístico (inteiro)
	Reportagem livro-reportagem ()	() Florianópolis (X) Brasil () Santa Catarina () Internacional () Região Sul País: _____
ÁREAS	Jornalismo; Rock; Feminismo; Nordeste; Grande Reportagem em Vídeo.	
RESUMO	<p>O rock produzido no Nordeste do Brasil não tem a mesma representatividade na grande mídia quanto os ritmos de forró, axé e frevo. Ao somar a desvalorização desse gênero com a forma como as mulheres são tratadas no meio musical, a produção de rock dessas musicistas nordestinas fica à sombra das realizações de seus colegas homens. Este Trabalho de Conclusão de Curso retrata numa grande reportagem em vídeo, a história de mulheres no rock nordestino. Os depoimentos de vocalistas, instrumentistas, compositoras e produtoras mulheres ajudam a discutir preconceitos regionais e de gênero num cenário musical predominantemente masculino. Estruturado em uma narrativa cruzada dos relatos das protagonistas, intercalado de cenas de shows e caracterizações da cultura da região, a grande reportagem em vídeo é a primeira a discutir essa temática, com esta angulação, no Brasil.</p>	

AGRADECIMENTOS

À nossa família, Deise Carvalho Machado, Francisco Carlos Machado e Carlos Vinicius Machado; e Neuza Somenzi, que nos apoiaram durante toda a graduação, sendo nosso porto seguro nos momentos de dificuldade.

Aos professores amigos Cárilda Emerim, que além de professora passou a ser uma mãezona em nossas vidas, nos aconselhando e nos incentivando a ser o melhor que podíamos ser; Samuel Lima, por nos instigar a buscar um jornalismo crítico, que dialogue com as questões sociais; Antônio Brasil, pela orientação e apoio durante nossa etapa no telejornal TJ UFSC; e ao servidor técnico Carlos Henrique Guião pelas conversas, orientações e risadas que tornaram nossa graduação mais leve. Aos membros da banca Isabel Colucci, Leslie Sedrez Chaves e Livia Andrade, pela avaliação deste trabalho.

Aos amigos, que durante esses quatro anos estiveram presentes, principalmente durante a realização desse Trabalho de Conclusão de Curso. Principalmente Felipe Sales, Luiza Morfim, Joelson Cardoso, Vitor Sabbi, Fernanda Mueller, Tainan Toldo, Reginaldo de Castro, Oscar Fuhr, Giovanna Olivo, Manuella Mariani, Michel Gomes, Beatriz Clasen, Ana Luisa Nascentes e Larissa Liz.

Agradecemos também aos colegas Marcus Vinicius e Manuella Mariani pelo empréstimo de equipamentos que nos ajudaram na execução desse trabalho. Além do amigo Felipe Seffrin que, carinhosamente, nos hospedou em São Paulo.

À Natália Noronha, Vitória de Santi, Ana Garcia, Katty Winne, Julia Soares, Hannah Carvalho, Letícia Tomás e Vânia Beatriz Muller agradecemos por contribuir com suas opiniões e compartilhar suas histórias de vida conosco.

Para realização da viagem, providenciamos um financiamento coletivo. Agradecemos a Camila Ignácio, Artur Schutz, Felipe Seffrin, Luísa Michels, Ana Ritti, Pâmela Schreiner, Fernando Perosa, Carlos Henrique Guião, Livia Tokasiki, Ana Luisa Nascentes, Marina Juliana Gonçalves, Francisco Duarte, Lucas Weber, Luiza Morfim e Antônio Brasil que contribuíram financeiramente.

SUMÁRIO

1. RESUMO.....	4
2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA	5
2.1. A música na sociedade.....	6
2.2. As mulheres no rock.....	8
2.3. As mulheres do rock brasileiro.....	10
3. JUSTIFICATIVA DO TEMA E DO	
FORMATO.....	13
4. PROCESSOS DE PRODUÇÃO.....	15
4.1 Pré-apuração.....	15
4.2 Planejamento.....	16
4.3 Apuração e gravações	18
4.4 Fontes e localidades	20
4.5 Estrutura narrativa.....	23
4.6 Formato e orientações técnicas.....	25
4.7 Decupagem.....	26
4.8 Edição e finalização.....	27
5. RECURSOS E VIABILIDADE.....	28
6. DIFICULDADES E APRENDIZADOS.....	31
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33
8. ANEXOS-ROTEIRO.....	35

1. RESUMO

O rock produzido no Nordeste do Brasil não tem a mesma representatividade na grande mídia quanto os ritmos de forró, axé e frevo. Ao somar a desvalorização desse gênero com a forma como as mulheres são tratadas no meio musical, a produção de rock dessas musicistas nordestinas fica à sombra das realizações de seus colegas homens. Este Trabalho de Conclusão de Curso retrata numa grande reportagem em vídeo, a história de mulheres no rock nordestino. Os depoimentos de vocalistas, instrumentistas, compositoras e produtoras mulheres ajudam a discutir preconceitos regionais e de gênero num cenário musical predominantemente masculino. Estruturado em uma narrativa cruzada dos relatos das protagonistas, intercalado de cenas de shows e caracterizações da cultura da região, a grande reportagem em vídeo é a primeira a discutir essa temática, com esta angulação, no Brasil.

Palavras-chave: Jornalismo; Rock; Feminismo; Nordeste, Grande Reportagem em Vídeo.

3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

A cena da música popular brasileira, ao longo de décadas, construiu sua trajetória em torno de artistas que cantavam ritmos mais ligados ao folclore e à regionalidade. Demorou para que o gênero musical rock figurasse na cena popular, o que ocorreu apenas na década de 1960. Desde então, ritmos que se estabeleceram em cada região do país e, fortalecidos pelo apoio das mídias locais, tornaram-se característicos e, até mesmo identitários. Mesmo assim, o som do rock, consolidado no mundo e no Brasil, ecoa em cidades afastadas dos grandes centros das regiões Sul e Sudeste.

Paralelamente à explosão do rock internacional no início dos anos 1960, surge o movimento cultural-musical *Jovem Guarda*. Caracterizado por músicas alegres e descontraídas, ele sintonizou a musicalidade brasileira com o fenômeno do ritmo liderado principalmente por Elvis Presley e pelos *Beatles*. Em comparação com as matrizes internacionais do rock, o tipo de música produzida pela Bossa Nova era mais *bem-comportada*. Mesmo assim, ao misturar música brasileira, samba e *jazz* americano, o novo gênero apresentou formas inovadoras de tocar e compor. Protagonizada por jovens musicistas de classe média da Zona Sul do Rio de Janeiro, teve como principais expoentes João Gilberto, Tom Jobim e Vinícius de Moraes.

Após o golpe militar de 1964, músicas de protesto foram lideradas por Geraldo Vandré e Chico Buarque. Mas foi a partir do Tropicalismo que aconteceu uma disseminação de um novo tipo de rock no Brasil, de formato mais universalista e transgressor, principalmente com Caetano Veloso e Gilberto Gil. As questões introduzidas por essa nova vertente da música compunham um quadro crítico e complexo do país, na tentativa de romper com as amarras sociais, morais e ligadas ao comportamento, além da música. As representantes mulheres do movimento na época foram as cantoras Gal Costa, Nara Leão e Rita Lee.

Ao longo desses anos de efervescência na música, as mulheres não ocuparam posições de grande destaque fora do papel de vocalistas. Na Bossa Nova, elas apareceram como musas para letras de cunho romântico. Já na contracultura exercida pelo Tropicalismo, como aponta GOHL (2010) na análise de letras feita no artigo *Nara*,

Gal e Rita: Trajetórias, Projetos, Migrações das Mulheres do Tropicalismo, a relativização dos lugares reservados às vozes femininas pelo movimento ocorreu apenas de forma parcial. Ao verificarmos a letra de canções como “Mamãe, mamãe, não chore, pegue uns panos pra lavar, leia um romance, veja as contas do mercado...”, de *Mamãe Coragem*¹, torna-se evidente que a figura feminina retratada segue um padrão de inserção da mulher em ambientes domésticos e de inferiorização.

Durante as pesquisas sobre o rock no Brasil, percebemos poucos referenciais teóricos e índices desse ritmo no Nordeste. Ao que diz respeito às mulheres, não existem dados que possam guiar um estudo da representatividade delas na cena. Portanto, dedicamos nossa apuração a descobrir alguns personagens que puderam ilustrar o que ocorre com as *rockeiras* nordestinas.

Como pano de fundo do rock, a questão de gênero evidencia que o meio musical, ou o rock brasileiro, é extremamente conservador. Um paradoxo num ambiente que parte é progressista e transgressor, mas que reproduz padrões sexistas e machistas. Nesse contexto, às musicistas mulheres ainda são impostos papéis de coadjuvantes. Para retratar uma realidade que a mídia *mainstream*² tende a ignorar, o Trabalho de Conclusão de Curso “Elas resistem: mulheres nordestinas no rock” é uma grande reportagem em vídeo que retrata o rock produzido por mulheres no Nordeste do Brasil.

3.1.1 A MÚSICA NA SOCIEDADE

A música está presente desde os primórdios das sociedades, surgindo como uma forma de expressão do homem primitivo na tentativa de se comunicar com os outros indivíduos. Segundo Schaeffner (1958), mesmo antes da descoberta do fogo, o homem já se comunicava por meio de gestos e sons rítmicos, que foram sendo criados a partir das vivências individuais e sociais. Ela é uma das principais manifestações de arte que existem no mundo, a qual reflete angústias, anseios e aspirações de diferentes sociedades, por isso sua força dentro de um espaço social varia de acordo com o contexto em que ela é criada.

¹ Letra de autoria de Caetano Veloso e Torquato Neto em 1968, foi interpretada por vários musicistas, entre eles Gal Costa. Música disponível em <<https://www.letras.com.br/gal-costa/mamae-coragem>>.

² Termo inglês que designa algo muito popular entre as pessoas ou que é muito disseminado pelos meios de comunicação de massa.

Com a descoberta dos diferentes sons que podem ser obtidos a partir dos mais variados objetos e aquisição de conhecimento, foram sendo criados os ritmos, um dos principais aspectos que ajudam a definir os gêneros musicais, juntamente com a melodia e a harmonia. Além disso, características como localidade, quando falamos, por exemplo, nos ritmos latinos, instrumentos utilizados, composição das letras, como as lamentações pertencentes ao *blues*, e até a forma como as canções são interpretadas, como a improvisação do jazz, podem ser fatores para classificar uma música pertencente a um gênero específico.

Rock é o termo abrangente utilizado para definir um gênero musical popular que emergiu e se definiu nos Estados Unidos, tendo elementos sonoros evoluídos de outros estilos musicais como o *blues*, o *country* e o *rhythm and blues*. Suas principais raízes se encontram no *rock and roll* e no *rockabilly* que nasceram nos Estados Unidos no final dos anos 40. Com o passar dos anos, esse rock foi absorvendo influências de outros gêneros musicais e se expandindo nas mais variadas vertentes como o *folk rock*, como o nome já diz, recebe características do folk, ou como o jazz rock, misturado com alguns ritmos marcantes do jazz. Todas essas misturas abriram espaço para mais experimentações, fazendo com o que o rock desse origem a uma série de outros subgêneros ao longo dos anos 60 e 70, como o *glam rock*, o *heavy metal*, o *punk rock*, o *hard rock*, o *grunge*, o *indie rock*, entre outros.

Nos anos 50, o rock surgiu como um movimento ligado à rebeldia, principalmente entre os jovens. O gênero musical passou a ser vinculado a diversos meios de comunicação, uma vez que o ritmo tornou-se um produto altamente rentável na economia estadunidense. Por isso, o rock não pode ser avaliado apenas pelos seus elementos sonoros, mas especialmente pelo protagonismo dentro das manifestações culturais. Segundo Alan Merriam, no livro *The Anthropology of Music* (1964), “A música é um produto do comportamento humano e possui estrutura, mas sua estrutura não pode ter existência própria se divorciada do comportamento que a produz”, ou seja, o termo “*rock and roll*” acabou surgindo por uma série de fatores, que vão além do que podemos apenas ouvir.

O rock é muito mais do que um tipo de música: ele se tornou uma maneira de ser, uma ótica da realidade, uma forma de comportamento. O rock é e se define pelo seu público. Que, por não ser uniforme, por variar individual e coletivamente, exige do rock a

mesma polimorfia, para que se adapte no tempo e no espaço em função do processo de fusão (ou choque) com a cultura local e com as mudanças que os anos provocam de geração a geração. (CHACON, 1995, p.8)

Além da estética sonora, o rock também explodiu na década de 50 com uma imagem definida. Construindo imagens estéticas que caracterizavam a moda, atribuiu essas características para moda também, sendo os roqueiros muito identificados por utilizar um visual composto por peças de couro, estampas com caveiras, coturnos, correntes, rosas e instrumentos; e muitos tons escuros como preto e roxo.

Considerado como um movimento rebelde, forte e transgressor, esse estilo de vestir somado com as atitudes, puxavam as mulheres para fora do movimento, já que os estereótipos de gênero atribuídos a elas não se encaixavam com a imagem do “ser feminino” idealizado por essa moda e por essa concepção de atitude social, sobrando para elas ocupar o espaço como público, groupies³ ou ficar em segundo plano na banda, como backing vocals.

3.1.2 AS MULHERES NO ROCK

Antes de abordarmos o espaço das mulheres no rock, precisamos discorrer sobre as razões dessa ambiência ser marcada pela presença majoritariamente masculina. Os homens são maioria nas bandas, nas gravadoras e nos estúdios. Isso se dá por uma construção social que sempre atribuiu aos homens privilégios em todas as atividades produtivas sociais, além da proibição por muitos anos e em diferentes culturas de mulheres exercerem atividades fora do ambiente do lar.

No século XIX, havia uma divisão entre estilos musicais considerados apropriados ou não às mulheres, sendo que a existência desses estereótipos dentro da música também constituíram-se elemento como de exclusão. Muitas foram marginalizadas como compositoras e instrumentistas, restritas a gêneros considerados mais femininos. Quando uma mulher mostrava interesse em aprender a tocar algum instrumento, normalmente era incentivada a tocar piano, instrumento caracterizado como feminino, especialmente por ser condicionado ao ambiente doméstico. O ensino musical nas escolas também reforçava esses estereótipos construídos socialmente, pois, além de separar as classes por gênero, os conservatórios restringiam a formação musical

³ Groupie é uma pessoa que busca intimidade emocional e/ou sexual com um músico.

de mulheres, formando apenas cantoras, harpistas e pianistas, instrumentos pertencentes à vida doméstica . (Ellis, 2001).

Considerando que o rock tornou-se um gênero musical pautado também pelas atitudes e pelos comportamentos dos músicos que faziam parte da cena, foi difícil para mulheres musicistas participarem deste cenário e, até mesmo, serem vistas em bandas desse ritmo. A figura da mulher esteve associada a diversas características que as diminuíram em relação aos homens, ou simplesmente foram vistas como incapazes de realizar algumas atividades ditas masculinas. Assim, a maneira como as mulheres *deveriam* se comportar não se encaixava nos padrões dos *rockeiros*. Isso acarretou um afastamento e fez com as que se interessavam pelo ritmo não fossem incentivadas a tocar instrumentos mais característicos, assim como o piano ou o violino, por exemplo. Mesmo assim, essas restrições não impediram que, ao longo do tempo, grandes musicistas mulheres surgissem no cenário do rock mundial. Entre essas, uma das mulheres mais importantes da história do rock é a norte-americana Joan Jett, com grande destaque entre 1975 e 1979 com a banda The Runaway, composta só por mulheres. Em 1979, começou carreira solo. Seu primeiro álbum intitulado Joan Jett, foi rejeitado por 23 gravadoras, até que Joan, juntamente com o produtor Kenny Laguna, lançam o álbum independente na gravadora Blackheart Records criada por eles. Assim, Joan Jett, além de ser pioneira no ritmo, também tornou-se a primeira mulher a iniciar sua própria gravadora.

Em 1980, a *Rainha do Rock*, como é conhecida, se juntou com outros músicos criando a *The Blackhearts*, banda que a acompanha fazendo shows até hoje. Em 2003, Joan foi eleita pela Revista *Rolling Stones* a 67ª melhor guitarrista de todos os tempos, em uma lista de 100 guitarristas do mundo todo. Durante entrevista ao programa *Guitar Center*,⁴ Joan contou que sofreu preconceito por ser *rockeira* desde criança. “Eu ganhei uma guitarra no natal e queria aprender a tocar, fui até a uma aula e o cara me disse que garotas não faziam *rock and roll*.” (JETT, 2013.)

A revista *Rolling Stone*, especializada em música, fez uma lista dos 100 maiores guitarristas de todos os tempos no ano de 2003. Entre os 100 guitarristas selecionados pelos editores da revista apenas duas eram mulheres, Joan Jett e Joni Mitchell. Em

⁴ Programa de televisão com entrevistas e shows apresentado por Nic Harcourt, atualmente disponível para assistir no site globoplay.com.

2011, a revista fez uma atualização da lista e, novamente, apenas duas mulheres estavam presentes, Joni Mitchell e Bonnie Raitt.

No rock, o acolhimento de cantoras passou por um processo lento e gradual, e não há dúvidas de que os movimentos feministas de 1960 tiveram uma influência marcante nesse processo, tanto como reflexo a ampla atuação das mulheres ativistas nesse gênero musical, como visto anteriormente.” (MPB no feminino: notas sobre relações de gênero na música brasileira/Rodrigo Cantos Savelli Gomes - 1.ed. - Curitiba: Appris, 2017. p. 41)

Durante a década de 90, surgiu nos Estados Unidos o movimento chamado de *Riot Grrrl*, que informava as mulheres sobre seus direitos e as incentivava a buscar melhores condições de vida. Um dos principais meios que esse movimento encontrou para atuar foi através da música, sendo o ponto principal a constituição de bandas de rock com instrumentos pesados, como o baixo e a guitarra, os quais eram considerados masculinos na época.

3.1.3 AS MULHERES DO ROCK BRASILEIRO

O rock chegou ao Brasil nos anos 50, em uma época em que a Bossa Nova era o estilo mais consumido. Os primeiros sucessos do rock brasileiro partiram da cantora Celly Campelo, com as músicas *Banho de Lua* e *Estúpido Cupido*. Nos anos 60, surgiu a Jovem Guarda, primeiro movimento de rock no país, popularizando o gênero com cantores como Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléa.

Com o passar dos anos, o rock brasileiro absorveu novas características, com a banda *Mutantes*, por exemplo, no final dos anos 60, formado por Rita Lee, Arnaldo Baptista e Sérgio Dias. O grupo inovou com o uso de microfônias, distorções e truques de estúdio, especialmente com a combinação do rock com temas brasileiros. No começo dos anos 70, Raul Seixas, Rita Lee em sua carreira solo, o grupo *Secos e Molhados* e o grupo *Novos Baianos* trouxeram ao rock o sincretismo e o caráter político do Tropicalismo, movimento reprimido pela ditadura militar. A partir de então, o rock brasileiro incorporou diversas influências, vindas primordialmente dos Estados Unidos e da Europa. Nos anos 80 e 90, foram criadas as maiores bandas de rock do país, como *Titãs*, *Barão Vermelho*, *Legião Urbana* e *Paralamas do Sucesso*. Na mesma época, a

banda brasileira *Sepultura* ganhou destaque no cenário internacional, representando uma das vertentes do rock, o *Heavy Metal*.

Entre as mulheres, o primeiro nome de maior referência no rock brasileiro foi a paulista Rita Lee, ainda conhecida como a “rainha do rock brasileiro”. Como já mencionado, ela começou sua carreira no grupo *Os Mutantes* nos anos 60, e nos anos 70 deu início a sua carreira solo. Logo no início da década, Rita Lee fez dupla com a compositora e guitarrista Lucinha Turnbull, considerada a primeira mulher a tocar guitarra no Brasil. As musicistas formaram a dupla *Cilibrinas do Éden*, quando participaram do festival Phono 73, em São Paulo. No mesmo ano, Turnbull passou a atuar como guitarrista e vocalista ao lado de Rita Lee, no grupo *Tutti Frutti*. Ao longo de sua carreira, tocou e cantou em discos de Caetano Veloso, Moraes Moreira e Luli Lucina.

Outros nomes importantes do rock são Fernanda Takai e Lory Finocchiaro. A primeira iniciou sua carreira na banda *Data Vênia*, em 1988, sem muito sucesso. Foi na banda mineira *Pato Fu*, em que alcançou popularidade como artista, instrumentista e letrista, não somente no Brasil, mas no exterior. Em 2001, Takai entrou na lista das melhores cantoras do mundo realizada pela revista *Time*. A segunda foi baixista, cantora, compositora e produtora musical na década de 1990. Gravou seu primeiro disco em 1993, já em estado avançado de Aids, mas apenas em 1996 o disco aconteceu, com apoio da Prefeitura de Porto Alegre e o interesse do selo independente Cogumelo (do *Sepultura*), que liberou todos os royalties.

Na cena do rock atual, uma musicista que alcançou projeção no Brasil é a Pitty. A Baiana começou sua carreira em 1995, sendo hoje a principal artista em atividade desse gênero musical no Brasil. A cantora também é conhecida por debater sobre feminismo em programas de TV e entrevistas, principalmente, sobre a visibilidade e o espaço que as mulheres têm na música. Em entrevista à revista *Rolling Stone*, Pitty salienta estar insatisfeita com a quantidade de mulheres presentes nos festivais de rock no Brasil.

Temos muitas artistas que têm total condição e competência, e que tinham que estar aqui. Tomara que tenha mais mulheres no ano que vem. Eu pelo menos vou continuar falando sobre isso, e batalhando para que aconteça. Eu não vejo vantagem nenhuma em ser a única [*mulher no festival*]. Eu quero é mais

diversidade. (PITTY, em entrevista à revista *Rolling Stone Brasil*, em junho de 2017)

Só para pensar um pouco sobre este contexto, decidimos investigar, mesmo que superficialmente, a quantidade de mulheres em um dos festivais mais importantes que ocorrem no país, o Lollapalooza⁵. Analisamos o número de bandas que tocaram nos palcos principais do festival com apenas homens e grupos com ao menos uma mulher em suas formações, resultando na tabela a seguir:

Tabela 1

Ano	Bandas com homens	Bandas com mulheres
2012	13	1
2013	22	2
2014	15	2
2015	15	0
2016	11	5
2017	15	2
2018 ⁶	56	16

Ao ocupar lugares na música, grande parte das mulheres — se não todas — tem suas habilidades e conhecimentos musicais questionados. Caso a origem das musicistas seja de outras regiões do país em que o rock não seja considerado um ritmo muito consolidado, o tratamento tende a ser bem pior. Isto porque a cultura regional pode influenciar a formação de opiniões preconceituosas a respeito da *qualidade* musical de quem toca rock, especialmente fora das regiões Sul e Sudeste.

Sabe-se que o Nordeste brasileiro possui como ritmos típicos, os folclóricos, axé, o frevo e forró, em razão das etnias e hibridação cultural entre as tradições africanas e europeias, traço da imigração e povoamento destas regiões, sendo habitual

⁵ Lollapalooza é um festival de música alternativa fundado em 1990 nos Estados Unidos e Canadá. A primeira versão brasileira aconteceu em 2011 e, desde então, o evento ocorre anualmente em São Paulo. É composto por gêneros como rock alternativo, heavy metal, punk rock, grunge e performances de comédia e danças, além de estandes de artesanato.

⁶ Total de bandas, não apenas nos palcos principais.

que existam muito mais bandas que sigam esses gêneros. Por consequência, esse tipo de expressão musical tende a ser prioritário nas coberturas em emissoras de rádio e televisão, o que impossibilita que nomes fora desses ritmos sejam conhecidos pelo grande público. Essa invisibilidade do rock no Nordeste se faz para todas as bandas, inclusive com questionamentos sobre a qualidade das músicas produzidas na região, porém, em relação a bandas formadas por mulheres o preconceito é ainda maior.

Mas mesmo com todas as dificuldades, eles existem. Ao analisar a cena atual do rock feito por mulheres nordestinas, encontrou-se bandas e produtoras que trabalham muito e algumas são sucesso nacional, com composições, tocando instrumentos, produzindo. Os dados, tanto sobre a produção de rock no Nordeste, quanto o de mulheres que trabalham com esse gênero musical na região são praticamente inexistentes, mas a quantidade de bandas nordestinas com mulheres em suas formações se apresenta com assunto relevante dentro da cultura do rock no Brasil, sendo e, neste aspecto, o jornalismo é o campo de atuação excelente que pode oferecer a visibilidade merecida a este tema bem como contribuir para ajudar a contar a história do tempo presente.

3.2 JUSTIFICATIVAS DO TEMA E DO FORMATO

O crescente empoderamento das mulheres nos últimos anos ainda não foi capaz de eliminar as desigualdades sociais e econômicas impostas a elas. A exclusão das mulheres em diversos setores sociais, especialmente na vida pública e em posições de destaques nas organizações, afeta como as mulheres são vistas na sociedade. Mesmo com direitos reconhecidos, “um longo hábito impede que encontrem nos costumes sua expressão concreta” (BEAUVOIR, 1949, v. 1, p. 14). Dessa forma, ainda que as mulheres estejam cada vez mais assumindo espaços de relevância no mercado, o machismo e o sexismo não deixaram de atravessar as relações de trabalho. A construção social e histórica em torno de determinadas áreas de conhecimento e de atuação demonstram o domínio do masculino mais evidente, como no Jornalismo Esportivo, por exemplo. A divisão arbitrária de gêneros estabeleceu, também uma divisão de espaços que separam e dicotomizam locais destinados a homens e espaços exclusivamente

femininos. A música é uma das esferas na qual a exclusão da mulher é bem latente como da hegemonia masculina.

Nesse contexto, o Trabalho de Conclusão de Curso *Elas resistem: nordestinas no rock* evidencia as diferentes atuações das mulheres no meio musical, que vão muito além do papel de vocalistas. As mulheres que protagonizam essa grande reportagem também são produtoras, instrumentistas e compositoras.

Para o grande público, mulher no rock, ainda hoje, é sinônimo de cantora. Nos demais gêneros - e na música em geral -, a cena não difere tanto. Quando se trata da participação das mulheres, algumas funções costumam ser mais relacionadas a elas, como pianistas e violinistas, além de cantoras, é claro. (GOMES, 2017, p. 41)

O machismo imprimiu suas marcas no universo musical, dentro do *rock and roll* ele encontrou um campo fértil porque carregava na figura dos vocalistas, principalmente, uma estética de sexualidade e virilidade, contribuindo para a perspectiva de dominação dos homens também neste gênero musical.

A virilidade, como se vê, é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo. (BOURDIEU, 1999, p. 67)

Como uma manifestação da juventude e da libertação, com origem no espaço público, o rock está fortemente associado aos ideais masculinos. Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que o rock é visto como um instrumento de contestação, subversão das regras e de luta política, carrega amarras conservadoras, especialmente no tratamento dado às mulheres. Em razão do protagonismo na cena musical ter sido historicamente direcionado aos homens, esse Trabalho de Conclusão de Curso quer proporcionar a elas a enunciação do discurso, o que raramente é feito pela indústria fonográfica e pela mídia, de um modo geral.

O Nordeste, por sua vez, é associado a gêneros como forró, axé e frevo, o rock não é reconhecido como um gênero musical pertencente aquela região. Sabendo disso, é que se escolheu ir às cidades de Recife e Maceió para retratar o cenário efervescente da cultura do rock nordestino protagonizado por mulheres, onde há roqueiras conquistando espaço e reconhecimento do público da região, muito embora sejam ignoradas pela mídia *mainstream*.

Conhecer os traços de uma cultura tão rica como a nordestina também foi o que nos moveu a fazer esse trabalho, pois retratar histórias de mulheres que enfrentam preconceitos em razão de seu sotaque, de sua origem e do seu gênero, faz-se extremamente importante como forma de alertar e denunciar para a sociedade o preconceito histórico com a região e a população nordestina. Acreditamos que, em razão de o Brasil, ao longo de sua história, possuir movimentos separatistas da região Sul em relação ao resto do país, ilustrar uma região marginalizada pelos grandes centros é importante para fortalecer a união dos cidadãos brasileiros, não apenas em território, mas em termos de seres sociais, de indivíduos pertencentes à mesma cultura e nação.

Para produzir esta história, escolheu-se a mídia jornalística televisiva, pois o fascínio pelo telejornalismo nos moveu desde o início do curso. Participamos do projeto de extensão TJ UFSC, telejornal diário, logo nas fases iniciais, e por meio dele conhecemos mais a fundo o que podemos atingir com a reportagem em vídeo. Antes mesmo de definirmos o tema, sabíamos que nosso Trabalho de Conclusão de Curso seria uma produção televisiva.

4. PROCESSOS DE PRODUÇÃO

4.1 Pré-apuração

A pré-apuração iniciou na disciplina Técnicas de Projetos em Comunicação, no segundo semestre de 2017. Sabíamos que a nossa temática seria relacionada às mulheres, mas o recorte ainda estava em aberto. Durante as primeiras semanas de agosto, nos empenhamos em pesquisar o que poderia ser abordado de forma diferente, inusitada e com forte relevância social.

A música entrou no universo das pesquisas em razão da proximidade que temos com o assunto. Ao constatarmos empiricamente que o número de bandas nordestinas de rock está crescendo, percebemos que isso não chega nos grandes portais de notícia ou em *blogs* acessados pelo grande público. Concluímos isso em razão de nossas pesquisas na internet e também, pois, ao conversarmos com qualquer pessoa do nosso ciclo social, que incluem amigos de dentro e fora da universidade, sobre *mulheres que fazem rock no Nordeste*, o tema causava imediata surpresa e despertava extrema curiosidade. Ouvimos algumas vezes frases como “mas isso sequer existe?” e “nunca vi nada sobre isso”, o

que de fato nos moveu a definir o recorte para esse trabalho. Assim, podemos inferir que apenas quem realmente acompanha a cena musical do país pode notar a força com que grupos de rock de fora do eixo *Rio-SP* estão conseguindo imprimir suas marcas; especialmente como as mulheres nordestinas estão presentes e resistem, em um dos gêneros musicais *mais masculinos*. Um exemplo bem significativo é a cantora nordestina Pitty, que é a décima cantora de rock mais ouvida no país, segundo uma análise feita pela plataforma de *streaming Deezer*.

Existem bandas com mulheres no rock que já conhecíamos, como a *Plutão Já Foi Planeta*, composta por cinco músicos, entre eles a Natália Noronha e a Vitória De Santi, a qual foi a primeira banda com quem entramos em contato. Também sabíamos do reconhecimento internacional da banda de *stoner rock Far From Alaska*, de Natal, além da baiana Pitty, que simboliza um dos principais nomes do rock feminino no Brasil. Elas foram as primeiras fontes em que pensamos para a produção deste trabalho.

Pesquisamos por musicistas mulheres em geral no Nordeste, pois queríamos retratá-las nas mais diversas posições dentro da produção musical. Encontramos a PWR Records, um selo independente formado por duas mulheres, as produtoras Hanna Carvalho e Leticia Tomás, cujo trabalho é desenvolvido apenas com bandas que possuem pelo menos uma mulher em sua formação. Ao entrarmos em contato com elas, descobrimos uma lista colaborativa de mulheres integrantes de bandas de todo o país, com 391 nomes. A partir dessas lista, nossa busca por musicistas tomou forma e direção.

4.2 Planejamento

Nosso desafio foi pensar logisticamente em como encaixar as fontes na produção pelo ponto de vista geográfico, isto é, como reuni-las em no máximo duas cidades próximas na região nordestina para viajarmos em um período curto de tempo. Com base nessas demandas, elencamos critérios para escolher nossas entrevistadas:

- Diversidade de funções: mostrar diferentes tipos de personagens com habilidades distintas; fugir do estereótipo de mulheres que só cantam. A ideia era retratar produtoras, instrumentistas e empresárias;

- Localização: cidades próximas que não ultrapassem mais do que quatro horas de viagem, tanto de carro como de ônibus, pois ainda não sabíamos qual seria nosso meio de transporte;
- Afinidade experiencial com o tema: além de vivenciar a temática, as fontes que tivessem disponibilidade e flexibilidade para conversar abertamente em frente às câmeras;
- Disponibilidade de tempo: precisávamos de pelo menos duas horas com elas para chegarmos ao nível de conversa que buscávamos. Uma entrevista padrão de 30 minutos não bastaria;
- Qualidade do trabalho: mostrar bandas com boa música, que fosse de encontro ao que nós gostávamos, afinal iríamos dedicar muitas horas de trabalho as ouvindo;
- Representatividade: esse foi um critério que discutimos afincamente. Decidimos entrevistar apenas mulheres para que elas pudessem protagonizar o discurso, pois queremos diminuir esse apagamento midiático da voz delas. Quanto à interseccionalidade, buscamos por mulheres negras e transsexuais, mas na lista que nos guiou em todo o processo não constava nenhuma que trabalhasse com rock. Durante a apuração, também percebemos a ausência dessas mulheres na ambiência desse ritmo.

Com base nesses critérios, precisávamos delimitar o número de fontes a fim de que a reportagem não se estendesse tanto. Dessa forma, decidimos escolher duas produtoras e duas musicistas que vivem no Nordeste. Como a banda *Plutão Já Foi Planeta*, de Natal - RN, tinha se mudado há um ano para São Paulo, e era o grupo de maior destaque nacional entre nossas fontes, optamos por incluir a cidade do Sudeste entre nossos destinos.

Assim, conseguimos traçar mais um objetivo nessa grande reportagem ao lançar um comparativo entre o desenvolvimento de mulheres no rock nas cidades do Nordeste e em grandes centros, como São Paulo. Queríamos mostrar extremos: uma banda nordestina com fãs em todo o Brasil que se mudou para São Paulo e outra banda menor, com um público local. O propósito era elucidar as razões que fizeram o grupo de

destaque migrar para a capital paulista e o que pensam as mulheres que permanecem fazendo rock na região nordestina a respeito desses movimentos.

Por essas razões, decidimos ir a Recife para entrevistar as produtoras Hanna Carvalho e Letícia Tomás, fundadoras do selo PWR Records. Pela proximidade das cidades, escolhemos ir a Maceió para conversar com Katty Winne. A guitarrista é integrante da banda de rock que leva seu nome, juntamente com outros três homens. Na mesma cidade, iríamos encontrar também Lilian Lessa, baixista da banda Necro.

Após essa etapa, fizemos uma lista de perguntas com questões gerais e específicas para cada entrevistada. Ao pensar no nosso público-alvo, jovens de 18 a 30 anos, separamos três eixos: pessoal, música/mercado e machismo. O eixo pessoal incluía o primeiro contato com a música, como a participação da família nesse processo; as questões sobre mercado eram voltadas para a rentabilidade, se é possível ou não viver da música; por fim, o questionamento sobre machismo acabou sendo tema de grande destaque, porque queríamos entender como a desigualdade de gêneros as afetou ao longo de sua trajetória e desenvolvimento como musicistas.

Em paralelo ao planejamento de conteúdo, traçamos um roteiro de imagens e locações que iríamos produzir a partir das cidades escolhidas, bem como os planos e enquadramento das entrevistas para conseguirmos trazer dinamicidade à reportagem. A ideia era fazer entrevistas com outros ângulos, ao ar livre e acompanhar as fontes em lugares que remetessem à história delas com a música.

4.3 Apuração e gravações

Como já se disse, nosso objetivo inicial foi descobrir produtoras, instrumentistas e cantoras que estivessem dispostas a passar por um período longo de entrevistas. Queríamos conhecê-las a fundo para que o trabalho ficasse o mais intimista possível. Utilizamos técnicas de entrevistas jornalísticas e processos jornalísticos de apuração para saber as potencialidades das histórias que encontramos e como a música afetou a formação delas como indivíduos.

A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpretação informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Em todos estes ou outros usos das

Ciências Humanas, constitui sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano. (MEDINA, 2002, p. 8)

Nosso primeiro destino foi o Nordeste. Viajamos para Recife no dia 18 de abril, onde permanecemos até o início da noite do dia 20. No primeiro dia, após nove horas de viagem, entre conexões e esperas em aeroportos, chegamos na capital pernambucana. Todas as entrevistas foram conduzidas por Maria Fernanda, enquanto que Ana Cristina controlava as câmeras. A primeira estava marcada para às 17h, com as produtoras Hanna Carvalho e Leticia Tomás. Como chovia muito, não conseguimos entrevistá-las ao ar livre, o que comprometeu nossos planos. O local em que realizamos a entrevista não tinha iluminação adequada e havia muito barulho externo e, por mais que tenhamos levado iluminação e microfones lapela e direcional, a gravação ficou muito prejudicada. Sabíamos que não poderíamos usar esse material por questões técnicas que comprometeriam a qualidade do trabalho. Assim, decidimos reestruturar nossos roteiros da reportagem na mesma noite, com inclusão de *abertura*, passagens e finalizações, para guiar a narrativa.

Com a programação alterada, entramos em contato com nossa fonte, Katty Winne, a fim de conseguirmos conversar com outra produtora. Também conversamos com Ana Garcia, produtora do Festival Coquetel Molotov, e marcamos uma entrevista em Recife no dia 23 de abril. Enquanto isso, fizemos imagens das cidades de Recife e Olinda, com o objetivo de usar como imagens de apoio, e gravamos o novo roteiro. Gravamos uma passagem de transição em Olinda e algumas tentativas de abertura. Fomos aos pontos históricos para conhecer as tradições pernambucanas e nordestinas ligadas à música. Na praça do Marco Zero, encontramos dois cantores que faziam repente na cantoria de viola, improvisando versos. Pedimos para gravarmos uma música a fim de ilustrarmos a cultura da música nordestina. Já em Olinda, fomos à Casa dos Bonecos Gigantes e encontramos uma dançarina de frevo e a gravamos dançando com o mesmo propósito de produzir cenas de apoio.

Viajamos para Maceió no dia 20. Entrevistamos Katty Winne, no dia 21 pela manhã, e à noite conversamos com Júlia Soares, guitarrista que começou recentemente a produzir seu próprio material no estúdio de casa. A baixista Lilian Lessa nos informou na noite do dia 20 que não concederia entrevista por conta de sua timidez.

Durante o período em que ficamos na capital alagoana, fizemos imagens da cidade e continuamos com nosso roteiro de passagens. Gravamos a abertura à beira mar, em uma das avenidas principais. Retornamos a Recife no dia 23 e entrevistamos Ana Garcia, em sua casa.

Na manhã do dia 24 chegamos em São Paulo. Fizemos imagens e gravamos passagens a respeito da cidade e sobre a representatividade das mulheres em festivais de música. No dia 27, à tarde, entrevistamos Natália e Vitória da *Plutão Já Foi Planeta*, no Sesc Bom Retiro. À noite, gravamos o show deles, que estava lotado. O período em que ficamos em São Paulo foi maior, de 24 a 29 de abril, e com menos entrevistas, por isso as gravações ocorreram tranquilamente.

Em Florianópolis, após olhar o material, decidimos entrar em contato com alguma especialista em música. Buscamos referências antes de viajar, mas ninguém se encaixava no perfil. Até que entramos em contato com a professora Vânia Beatriz Müller, Bacharel em música pela UFSM, mestre em Educação Musical na UFRGS e Doutora Interdisciplinar em Ciências Humanas na UFSC em que estudou as relações de poder, entre elas o gênero, na música clássica. Realizamos a entrevista com ela no dia 12 de junho, apenas seis dias antes de entregarmos o trabalho finalizado. Esse cuidado de deixar a reportagem mais bem acabada, com todas as fontes possíveis, fez com que o processo fosse muito minucioso, por isso não poupamos esforços para concluir o trabalho da melhor forma, até o último momento.

4.4 Fontes e localidades

Nossas entrevistadas iniciais mudaram e conhecemos outras musicistas como descrevemos no processo de apuração. Reunimos personagens com histórias distintas, abarcando uma grande diversidade de visões sobre música, regionalidade e machismo. Além disso, entrevistamos uma professora cuja especialização inclui a música e os Estudos de Gênero, em Florianópolis. Buscamos conversar com professoras nordestinas, mas nenhuma esteve disponível durante o período de gravações.

Abaixo, segue uma tabela com um perfil de cada entrevistada:

Tabela 2

Katty Winne	30 anos, estudante de Biblioteconomia na Universidade Federal de Alagoas, em Maceió, é professora de Inglês. Teve como grande influência seu pai, que também é músico, ao ter contato com seu primeiro instrumento, um teclado. Tem a banda que leva seu nome há seis anos em que é guitarrista e vocalista, além de tratar de assuntos administrativos que envolvem o grupo, formado por mais três integrantes homens. Passou por outras formações de banda, mas nenhuma <i>tão profissional</i> como a atual.
Júlia Soares	20 anos, estudante de Psicologia na Universidade Federal de Alagoas e professora de violão. Por influência de seu pai e seu irmão mais velho, é apaixonada por música desde pequena. Aos 15 anos, teve sua primeira banda, a Troco em Bala, em que sofreu assédio sexual e moral pelos integrantes do grupo. Atualmente, participa da banda Sereia Problema, de Recife, formada só por mulheres, e produz músicas no estúdio de casa.
Ana Garcia	37 anos, criadora do Festival Coquetel Molotov, em Recife, é uma consagrada produtora de shows e eventos de música. Cresceu fora do Brasil e rodeada por homens, por isso possui uma visão diferente de como o machismo a afetou, e destaca o orgulho de ser nordestina. Com uma mãe empoderada e também produtora, Ana foi incentivada desde muito nova a aprender instrumentos, mas foi nos bastidores que encontrou sua verdadeira paixão.
Natália Noronha	23 anos, ganhou o primeiro violão do pai músico aos oito anos e foi com ele que aprendeu os primeiros acordes. Frequentava a igreja evangélica desde criança; já na adolescência fez aulas de teoria da música e também cantava no coral. Como feminista, é convicta da falta de representatividade em festivais de música e defende a presença de mais mulheres em todos os espaços. É vocalista e também toca violão, contrabaixo elétrico e teclado na <i>Plutão Já Foi Planeta</i> .
Vitória de Santi	23 anos, nascida em São Paulo, chegou em Natal aos quatro anos e cresceu interessada por música. Foi incentivada pelos pais a ouvir MPB e rock clássico. No primeiro ano da escola, teve aulas de flauta doce, depois de alguns anos foi o piano, até que participou de sua primeira banda no ensino médio, em que começou a tocar contrabaixo, instrumento que a acompanha até hoje na <i>Plutão Já Foi Planeta</i> , além do teclado. Primeira banda profissional em que participa, tem uma relação muito boa com os colegas, além de Natália, há outros três homens.
Vânia Beatriz Müller	Chefe do Departamento de Música da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Possui bacharelado em Música pela

	UFSM, mestrado pela UFRGS e doutorado pela UFSC. Estuda a Música e a Educação Musical associadas à Produção de Subjetividades, aos Estudos de Gênero e suas intersecções com os demais marcadores sociais de diferença.
--	---

Não trabalhamos com fontes oficiais porque desde a pré-apuração, em sondagens preliminares, constatamos que esses órgãos, empresas ou instituições não tinham dados que pudessem contribuir significativamente para a produção deste trabalho. Do ponto de vista de estruturar narrativas, optamos por trabalhar com os relatos da vida das protagonistas, intercalados com especialista que defende as trajetórias. As histórias dessas mulheres são intensas, importantes e sustentam o argumento das dificuldades de se trabalhar com rock no Nordeste. A pauta serviu essencialmente para destinar a enunciação do discurso por quem sofre as dificuldades e preconceito no meio musical. Outra escolha foi de entrevistar apenas uma especialista, a professora Müller, a fim de fazer uma análise teórica de como o machismo afeta as relações de poder dentro da música ao longo dos tempos.

Fontes oficiais, como comprovam autores de todas as épocas, falseiam a realidade. Fazem isso para preservar interesses estratégicos e políticas duvidosas, para beneficiar grupos dominantes (...) Comumente – e isso não é considerado aéctico, sonegam informações de que efetivamente dispõem (...), destacam aspectos da realidade que convêm às instituições e alegam dificuldades inexistentes para desestimular quem procura informar-se. (LAGE, 2001, p.63)

A maior parte das imagens da grande reportagem foi gravadas em Recife - PE, Olinda -PE , Maceió - AL, São Paulo -SP e Florianópolis. A única gravação na capital catarinense foi com a professora Müller. Como cenário de entrevistas, utilizamos as casas das entrevistadas, locais de ensaio e camarim de show. Foram oito locações internas e várias outras em locais abertos para caracterizar as regiões, como praias e ruas históricas.

Os pontos turísticos variaram, mas buscamos fazer os momentos em que aparecemos no vídeo, tanto a *abertura*, como a *passagem de cidades* e a *finalização*, em locais que pudéssemos marcar a presença das localidades na reportagem. Optamos por começar à beira mar de uma das avenidas principais de Maceió, na Praia de Jatiúca. Para a transição de cidades, escolhemos que cada uma de nós iria aparecer em momentos diferentes, para ajudar a demarcar essa mudança de cidades. A primeira foi

feita no Mirante do Alto da Sé, em Olinda; a segunda fizemos em frente ao MASP - Museu de Arte Moderna de São Paulo. Para gravarmos uma passagem sobre a representatividade de mulheres nos festivais, fomos ao cartão postal de São Paulo, a Avenida Paulista, em um domingo, quando a rua é fechada e ocorrem diversas apresentações de arte, principalmente musicais.

Cabe destacar que, com exceção das imagens do show da *Plutão Já Foi Planeta* no festival Lollapalooza⁷, em São Paulo, e algumas partes videoclipadas ou de ilustração que reúnem imagens de arquivos (de particulares e disponíveis na internet) todas as imagens foram feitas por nós.

4.5 Estrutura narrativa

A grande reportagem inicia com passagens de abertura para introduzir o tema, intercaladas de imagens de cultura e música regionais, bem como imagens das entrevistadas tocando rock. Após isso, iniciam imagens que mostram a viagem e o processo de apuração, introduzindo falas das entrevistadas sobre o início de sua formação musical. Cada mudança de subtema é marcada com elementos de transição como sobe som dos shows e ensaios das bandas, a fim de criar ritmo para envolver o telespectador. Ao longo da narrativa, esses elementos se repetem com outras duas passagens que ajudam a conduzir a história da reportagem. Uma com a intenção de marcar a mudança de localidades e a última traz estatísticas que fundamentam a relevância desta produção.

As imagens e os movimentos conseguem despertar o interesse do público, de modo a prender a atenção a detalhes que muitas vezes poderiam passar despercebidos se não fossem capturados pela lente da câmera. Como nossas fontes são musicistas, a força da imagem e do áudio destacam a voz, os instrumentos e a atmosfera dos shows. A produção televisual potencializa a imersão nas histórias delas, bem como o envolvimento e a empatia por suas trajetórias.

A câmera fotográfica, o cinema, a TV e a realidade virtual potencializam esse “efeito do real”, que não mais se pauta apenas na observação empírica ou

⁷ Infelizmente não conseguimos acompanhar a *Plutão Já Foi Planeta* na ocasião, mesmo com pedido de credenciais realizado com certa antecedência, em razão dos direitos exclusivos cedidos a canais de televisão. A banda prometeu nos enviar as imagens gravadas no festival.

distanciada, mas promove a intensificação e a valorização da experiência vivida, abarcando a construção de um sentido e o estabelecimento de uma significação. (BEZERRA, 2014, p. 29)

Ao elegermos mulheres musicistas no rock, logo pensamos que o documentário seria o formato mais adequado, mas após leituras e reflexões sobre o produto que entregaríamos ao final de quatro anos de graduação em Jornalismo, decidimos que o gênero da reportagem seria a maneira ideal de abordar o tema e de referenciar uma formação profissional.

Há muitas discussões teóricas em torno do que difere o documentário de uma reportagem. Enquanto alguns cineastas defendem o primeiro como arte e tratam o jornalismo como algo de pouca lapidação estética; jornalistas destacam a pertinência social de suas produções. Entretanto, há algumas constatações necessárias a se fazer sobre o hibridismo desses gêneros.

Documentário e jornalismo são conceitos em aberto. Nem todos os filmes classificados como documentários se parecem entre si, assim como existem muitos e diferentes tipos de reportagem. Documentários e reportagens não adotam um conjunto fixo de técnicas, não tratam de apenas um conjunto de questões, não apresentam apenas um conjunto de formas ou estilos. (BEZERRA, 2014, p. 16)

Refletimos, assim, sobre a relação entre esses gêneros e a transitoriedade em que se encontram os produtos. As escolhas estéticas de reportagens dos últimos anos estão cada vez mais diferentes e ultrapassam barreiras das reportagens vistas como *tradicionais*. Definir um produto como grande reportagem em vídeo não limitou as escolhas estéticas, pelo contrário, nesse trabalho conseguimos mesclar recursos visuais do cinema, de TV, de fotografia, de vídeo e construir uma narrativa de valor social, relevante e de resultado estético.

Mesmo que documentários e reportagens sejam construções e versões da realidade marcadas pela autoria de quem as produz, jornalistas partem de um ponto de produção diferente, bem como aponta Bezerra:

Antes que nos alonguemos: um documentário não é uma reportagem. Definitivamente. Em geral, jornalistas e documentaristas estão baseados em suposições diferentes sobre seus objetivos e se distanciam pela diversidade de tratamentos à disposição de seus respectivos autores. Mas tais diferenças não garantem uma separação absoluta entre eles. Existe, inegavelmente, um núcleo de questões técnicas e práticas que gravitam em torno desses domínios e lhes conferem uma espessura empiricamente reconhecível. (BEZERRA, 2014, p. 21)

Ao falarmos da diferença dos gêneros, precisamos salientar que a obra realizada por quem cursou Jornalismo é diferente do produto criado por quem fez Cinema, já que as preocupações no fazer são distintas. Se fossem iguais, não haveria a necessidade de passarmos quatro anos aprendendo sobre notícia e os diferentes tipos de reportagem. Acreditamos que pensar nesta questão é também valorizar uma formação em Jornalismo, numa universidade pública, gratuita e de qualidade; é valorizar o investimento que a sociedade e nós mesmos fizemos na formação em Jornalismo. Justamente pelos critérios de noticiabilidade, escolhemos classificar nosso trabalho como uma grande reportagem, porque nossa temática — nordestinas que trabalham com rock — nunca foi explorada, com essa angulação, por nenhum veículo de comunicação. Além disso, nossa escolha também foi política. O jornalismo está em um momento muito frágil de credibilidade, especialmente o telejornalismo, um meio no qual acreditamos ter relevância social e do qual nos orgulhamos de ter exercitado e aprendido para poder produzir e desenvolver como profissão. Assim, optamos por reiterar nossa posição como bacharéis em Jornalismo ao fazer o que buscamos aprender durante toda a graduação: a reportagem, mais especificamente, a reportagem televisual.

Como proposta de linguagem experimental, o produto foi construído a partir de narrativas de diferentes histórias que se entrecruzam. O fio condutor da grande reportagem em vídeo são as vivências de mulheres nordestinas na produção de rock. Mostramos como a música está presente na vida delas e as dificuldades encontradas na cena, como machismo, assédio e falta de visibilidade. Além disso, discutimos a falta de espaço que o rock nordestino ainda encontra, não só na grande mídia, mas também na própria região.

4.6 Formato e orientações técnicas

As imagens foram gravadas com duas câmeras DSLR (*Digital single-lens reflex cameras*) nos formatos HDV e uma câmera mirrorless, em alta definição, com resolução de 1920x1080 pixels e 30 frames por segundo. Utilizamos uma Nikon D5200, com uma objetiva 18-55mm, uma Canon T5i com uma objetiva 18-55mm e uma 55-250mm e uma Sony a6500, com uma lente 16-50mm. Usamos também a câmera *GoPro* para

fazer imagens em ângulos diferentes que possibilitassem a nossa inserção na cena durante as entrevistas e apurações, bem como nas gravações do show.

Nas situações em que a luz ambiente não foi suficiente, como na casa das entrevistadas, preparamos uma iluminação artificial com iluminadores de LED. O áudio das entrevistas e das passagens foram captados com microfones de lapela conectados às câmeras, além de microfone *shotgun*, que capta menos o som ambiente e possibilita uma gravação das falas mais direcionada.

Os enquadramentos das entrevistas foram em plano americano e primeiro plano. Para as gravações, utilizamos dois tripés, um para cada câmera, a fim de obter uma imagem estável das entrevistadas. Mantivemos uma câmera móvel operada por Ana Cristina durante as entrevistas.

O vídeo é uma média-metragem com duração de 25 minutos em bloco único, com áudio estéreo, exportado em dois formatos: AVI para gravações em DVD e MPEG-2, para veiculação na internet.

4.7 Decupagem

Os vídeos sempre eram descarregados no mesmo dia em que eram feitos e colocados em pastas. Quando chegamos de viagem, importamos todas as entrevistas para o *software Adobe Premiere CC 2018*. Dentro do *software*, criamos uma sequência para cada uma e, separamos em três temáticas principais: mulheres na música, regionalismo e machismo, separamos as respostas de acordo com esses blocos de conteúdo. Dentro deles, encontramos subtemas que se repetiam em cada entrevista. Após a transcrição de todas as entrevistas, dividimos as respostas em:

PESSOAL

Interesse pela música

Inspirações

Relação com a família

Histórias

MÚSICA

Início nas bandas

Instrumentos

Espaço da banda na região

Público

MACHISMO

Assédio

Necessidade de provar seu valor

Sexualização da imagem

Talento Questionado

Histórias

REGIONALISMO

Preconceitos

Sotaque

Força da música local

Seguido da divisão de temas, montamos na timeline do Adobe Premiere PRO CC 2018 o primeiro esqueleto de 2 horas. Na segunda seleção, chegamos a um total de 1 hora de sonoras. Precisávamos obter pelo menos 30 minutos de trechos escolhidos, portanto, continuamos no processo de elaboração do esqueleto. Após três semanas de trabalho intenso, chegamos a 20 minutos dos principais trechos que não podiam faltar na nossa reportagem.

4.8 Edição e finalização

O processo de edição e finalização foi realizado durante o mês de junho, em que utilizamos o software Adobe Premiere PRO CC 2018 para edição de conteúdo e vídeo. Com as passagens já gravadas durante a viagem, demos início a edição da grande reportagem, selecionando os trechos específicos das sonoras que entrariam antes e depois de cada passagem.

Feito esse processo, selecionamos os trechos das câmeras principais de cada entrevista. Em seguida, assistimos ao esqueleto completo para verificarmos a ordem em que os temas apareceriam no decorrer da narrativa. Com o esqueleto fechado, começamos a sincronizar áudios e vídeos das câmeras secundárias, para dar mais dinamismo a reportagem.

Ao final, fizemos a vinheta de abertura e fizemos tratamento de cor e de áudio de todas as imagens selecionados. Essa etapa foi uma das mais trabalhosas, pois nossa reportagem é sobre música, assim a qualidade sonora precisava ser alta. Ao usarmos três câmeras de marcas diferentes, a equalização de cores e contrastes foi muito mais difícil, mesmo com todas na mesma configuração, o que tornou o processo moroso.

Com toda a reportagem editada, partimos para a criação da vinheta de abertura e identidade visual. Para a execução desse processo, utilizamos o software Adobe After Effects PRO CC 2018. Nele, escolhemos fazer a marcação dos GCs com um fio que imita a corda de um violão em movimento.

A etapa de edição final foi uma das mais rápidas, levando aproximadamente dez dias. Ainda nesse tempo fizemos uma última entrevista, pois priorizamos a qualidade de conteúdo de nossa reportagem. Não consideramos o período ideal, pois para o vídeo ser lapidado, assim como qualquer produto jornalístico, quanto mais tempo debruçadas na construção da narrativa, melhor o resultado do produto final. Mesmo assim, avaliamos que, por nossa experiência adquirida ao longo do curso, conseguiríamos entregar ao que nos propusemos: uma reportagem de qualidade estética e de conteúdo relevante.

5. RECURSOS E VIABILIDADE

A produção desse Trabalho de Conclusão de Curso foi realizada com uso de equipamentos pessoais, do Laboratório de Telejornalismo e de colegas do curso. Utilizamos recursos financeiros pessoais e de financiamento online. Para a realização da grande reportagem, tivemos esses custos entre equipamentos e viagem:

Bateria Canon Lp-e6 similar à original	R\$ 50,00
Microfone lapela	R\$ 30,00
Cartões de memória de 16gb e 32 gb	R\$150,00
Dois tripés	R\$ 300,00
Duas câmeras cases	R\$ 280,00

HD externo	R\$ 379,00
Passagens de avião de: Florianópolis - SC /Recife - PE Recife - PE/São Paulo - SP São Paulo -SP/Florianópolis-SC	R\$ 1967,00
Hospedagem	R\$ 650,00
Aluguel do carro e Uber	R\$584,52
Total:	R\$ 4390,52

De acordo com a Tabela de Frilas aprovada pelo Sindicato de Jornalistas de Santa Catarina em 2017, uma saída de três horas para a produção de uma reportagem cinematográfica com equipamentos custa R\$ 583,92, uma saída de cinco horas custa R\$ 778,56, uma saída de sete horas custa 1297,60 e a hora extra custa R\$ 324,40. Além disso, há as diárias de viagem, que de acordo com a tabela é R\$ 1.271,64. Tomando esses valores por base e considerando as gravações de entrevistas, imagens das cidades e de show, durante a viagem de 12 dias, o custo total desse serviço seria de R\$ 10.770,08 para cada profissional mais as diárias de R\$ 15.259,68 para cada uma. Totalizando R\$ 52.059,36.

12 diárias de viagem	15.259,68 para cada profissional: R\$ 30.519,36
18 de abril	Duas entrevistas com duração de duas horas cada: R\$ 908,32
19 de abril	Saída de sete horas para gravação de imagens mais 3 horas extras: R\$ 2.270,80
20 de abril	Saída de sete horas para gravação de imagens mais uma hora extra: R\$ 1.622,00

21 de abril	Duas entrevistas com cerca de duas horas cada mais quatro horas de gravação de imagens: R\$ 1.622,00
22 de abril	Saída de três horas para gravação de imagens mais uma hora extra: R\$ 908,32
23 de abril	Uma entrevista com duração de 40 minutos mais duas horas e 20 minutos entre gravação de imagens: R\$ 583,92
25 de abril	Três horas de gravação de imagens mais uma hora extra: R\$ 908,32
26 de abril	Três horas de gravação de imagens: R\$ 583,92
27 de abril	Uma entrevista de duas horas mais três horas de gravação de imagens: R\$ 778,56
29 de abril	Três horas de gravação de imagens: R\$ 583,92
12 de junho	Entrevista de 2 horas mais tempo de deslocamento totalizando três horas: R\$ 583,92
Total	R\$ 26,029,68 por profissional

Ainda de acordo com a Tabela de Frilas, o custo da realização de uma edição linear é de R\$ 389,28 por hora trabalhada. Tendo em vista que esse serviço inclui decupagem, montagem e pós-produção, o total de horas trabalhadas chegou a cerca de 86 horas (até agora). Dessa forma, esse serviço custou R\$ 33,478 por profissional. Normalmente, os trabalhos não são fechados por hora trabalhada, mas sim por serviço, senão o valor do produto final ficaria muito alto. O valor total, contando com os materiais adquiridos para a realização do projeto e as horas trabalhadas pelas duas profissionais é de R\$ 37,868.

Quanto à **veiculação**, pensamos em divulgar o produto em programas de reportagem únicas, podendo ser dividida em blocos para exibição de intervalos comerciais em canais de TV pagos como Multishow, Canal BIS e MTV, ou ainda ser

vista online em bloco único. Além de integrar a programação de TVs por assinatura, a reportagem também pode ser exibida no YouTube. Em relação a divulgação, as redes sociais são a melhor a melhor opção para promover o conteúdo, devido ao seu largo alcance. Do ponto de vista acadêmico, a produção será exibida na emissora institucional da universidade, a TV UFSC. Bem como poderá ser inscrita em festivais de categoria estudantil ou sem fins lucrativos.

6. DIFICULDADES E APRENDIZADOS

Inicialmente a maior dificuldade foram os custos da viagem. Realizamos uma campanha de financiamento coletivo online para pagar ao menos uma parte dos gastos. Com ela obtivemos aproximadamente R\$ 700,00, que foram utilizados para custear hospedagem e parte do transporte.

Tivemos um atraso de uma semana no cronograma em razão do aumento dos valores das passagens, diminuindo o tempo de decupagem e edição posteriormente. Em razão disso, acabamos viajando em um período chuvoso no nordeste, dificultando também a captação de imagens externas e gravação de entrevistas.

Devemos salientar que foram muitas dificuldades ao longo da produção deste trabalho. Não imaginávamos que enfrentaríamos tantas adversidades, desde o cancelamento de entrevistas durante a viagem até a troca de hospedagem por falta de segurança. Após nove horas de viagem e sem conseguir nos alimentar, chegamos à primeira entrevista em Recife com muita chuva, o que nos impediu de gravar em ambiente externo como havíamos planejado, dificultou nossa mobilidade pela cidade em busca de cenários e de outras possibilidades e fontes.

As fontes Hannah Carvalho e Leticia Tomás da PWR Records foram decisivas para a escolha da capital pernambucana como principal destino no Nordeste, mas sérios problemas técnicos e de conteúdo nos impediram de usar as sonoras. Essa foi a razão que nos fez mudar totalmente o planejamento do formato e narrativa. Nesta primeira noite, ficamos acordadas até as 3h da manhã reestruturando todo o roteiro de gravações da nossa reportagem.

Durante a nossa estadia em Recife, choveu todos os dias. Isso nos fez perder muito tempo esperando o clima melhorar para executar as gravações externas, pois a princípio, agendado mais nenhuma outra entrevista na cidade.

Para circular no Nordeste alugamos um carro. Enfrentamos quatro horas de viagem durante a noite de Recife a Maceió, o que se provou muito perigoso, pois a estrada não tinha iluminação nem sinalização de lombadas, além de ter pouca movimentação de veículos. No meio da viagem, recebemos uma mensagem da nossa fonte Lillian Lessa desmarcando a entrevista que aconteceria dois dias depois. Ao chegarmos na cidade de Maceió, encontramos o apartamento que havíamos alugado com a porta quebrada. Nessa noite dormimos cerca de duas horas pois ficamos com medo de sermos assaltadas ou perder os equipamentos emprestados por amigos ou que pudesse até nos acontecer algo.

A nossa experiência com o telejornal diário TJ UFSC foi fundamental para termos habilidade de resolver os problemas conforme eles iam aparecendo. Em vários momentos, poderíamos ter entrado em pânico já que estávamos em outra região, sem conhecer ninguém e com o investimento de recursos próprios e de pessoas que acreditavam no nosso trabalho. Mas isso não aconteceu, pelo contrário. Tivemos a calma necessária e soubemos avaliar a situação com a sabedoria ensinada pela experiência do telejornalismo diário praticado no projeto.

O ensino do Jornalismo da UFSC nos proporcionou a pensar de forma crítica na apuração de pautas e na pesquisa de temas. Isso foi fundamental para a execução desta grande reportagem, em que refletimos e contextualizamos a respeito de representatividade, da diversidade e de questões sociais intrínsecas à formação de um jornalista comprometido com sua realidade, com as questões sociais que nos rodeiam, com o compromisso de possibilitar a enunciação de discurso e visibilidade àquilo que passa despercebido pela sociedade e pela grande mídia. Aprendemos que o jornalismo é um grande caminho para praticar solidariedade, divulgar informação e produzir conhecimento.

7. REFERÊNCIAS

BAIA, S. F. A. **A historiografia da música popular brasileira (1071-1999)**. Tese de doutorado em História Social. São Paulo; Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010.

BAYTON, Mavis. **How Women Became Musicians**. In: S. Frith e A. Goodwin (eds). *On Record*, Nova Iorque: Pantheon, 1990, p. 238-257.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. v. 1: Fatos e Mitos.

BEZERRA, Julio. **Documentário e jornalismo: propostas para uma cartografia plural**. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CHACON, Paulo. **O que é rock**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1995.

ELLIS, K. **“The structures of musical life”**, em *The Cambridge History of Nineteenth-Century Music*, Ed. Samsom, J. (Cambridge: Cambridge University Press, 2001)

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê, 1987.

GOHL, Jefferson William. **Nara, Gal e Rita: trajetórias, projetos e migrações das mulheres do Tropicalismo**. Congresso Fazendo Gênero, 2010.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo, SP: Ática, 2002.

MERRIAM, A. **The Anthropology of Music**. Evanston: Northwestern University Press, 1964.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A Apuração da Notícia: métodos de investigação na imprensa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

SAVELLI GOMES, Rodrigo Cantos. **MPB no feminino: notas sobre relações de gênero na música brasileira**- 1.ed. - Curitiba: Appris, 2017.

SCHAEFFNER, A. **Origene dès instrumentes de musique**. Paris: Mouton, 1958.

8. ANEXOS-ROTEIRO

IMAGEM	ÁUDIO
<p>CLIQUE EM PRETO E BRANCO DAS MUSICISTAS</p> <p>IMAGENS EM CORES</p> <p>ENTRA EM TELA PRETA “ELAS RESISTEM - MULHERES NORDESTINAS NO ROCK”</p> <p>CORTE SECO</p>	<p>TRILHA - GRANT GREEN - 00'11”</p>
<p>CAM 2 FECHADA</p> <p>IMAGEM DANÇARINA DO FREVO</p> <p>IMAGEM REPENTISTAS</p> <p>CAM 2 FECHADA</p> <p>SHOW BANDA PLUTÃO JÁ FOI PLANETA - NATÁLIA E VITÓRIA</p> <p>CAM 2 FECHADA</p>	<p>MARIA FERNANDA: QUANDO VOCÊ PENSA EM MÚSICA NORDESTINA, LOGO TE VEM À CABEÇA ALGO COMO ISSO:</p> <p>MÚSICA FREVO</p> <p>MÚSICA REPENTE</p> <p>ANA CRISTINA: MAS NÃO É SÓ ISSO QUE TEM POR AQUI NÃO, O ROCK TAMBÉM ESTÁ PRESENTE NO NORDESTE</p> <p>SOBE SOM - MÚSICA SUMA DAQUI</p> <p>MARIA FERNANDA: E APOSTO QUE VOCÊ DEVE TER PENSADO EM HOMENS TRABALHANDO COM ISSO</p>

<p>IMAGEM BATERISTA KATTY WINNE</p> <p>IMAGEM GUITARRISTA PLUTÃO</p> <p>IMAGEM GUITARRISTA KATTY WINNE</p> <p>IMAGEM BATERISTA PLUTÃO</p> <p>CAM FECHADA</p> <p>IMAGEM KATTY WINNE</p> <p>IMAGEM JULIA SOARES</p> <p>IMAGEM VITÓRIA DE SANTI</p> <p>IMAGEM NATÁLIA NORONHA</p> <p>CAM ABERTA</p> <p>CAM ABERTA</p> <p>CAM ABERTA</p>	<p>SOBE SOM - TRILHA MOTOCROSS</p> <p>ANA CRISTINA É, ENTÃO, MAS TEM MUITA MULHER TRABALHANDO PESADO NO ROCK POR AQUI</p> <p>SOBE SOM TRILHA GUT CHECK</p> <p>MARIA FERNANDA O PROBLEMA É QUE QUANDO A GENTE FALA SOBRE ISSO NINGUÉM ENTENDE DO QUE A GENTE TÁ FALANDO. A MAIORIA DAS PESSOAS NÃO CONHECE O TRABALHO DAS MULHERES NORDESTINAS QUE FAZER ROCK.</p> <p>ANA CRISTINA É E MUITAS DESSAS MULHERES TEM DIFICULDADE PRA MOSTRAR O SEU TRABALHO E ACABAM FICANDO DESCONHECIDAS. É POR ISSO QUE A GENTE VEIO ATÉ AQUI .</p> <p>MARIA FERNANDA PRA OUVIR AS HISTÓRIAS DELAS.</p>
<p>CLIFE COM IMAGENS DA CIDADE E DAS MUSICISTAS</p>	<p>SOBE SOM TRILHA ESTRONDO</p>

--	--

CAM ABERTA KATTY WINNE	KATTY WINNE MEU PAI É MÚSICO, AÍ EU JÁ CRESCI MEIO QUE NESSE MEIO.
CAM ABERTA ANA GARCIA	ANA GARCIA EU AMO PRODUZIR, É MEU PROPÓSITO DE VIDA
CAM FECHADA KATTY WINNE	KATTY WINNE EU SEMPRE TIVE VONTADE DE TOCAR ALGUMA COISA
ANIMAÇÃO DE IDENTIFICAÇÃO KATTY WINNE	SOBE SOM TRILHA YOUR GIRL
SCAM FECHADA KATTY WINNE	KATTY WINNE DESDE PEQUENINHA. ELE ME DEU UM TECLADINHO QUANDO EU ERA CRIANÇA
CAM FECHADA VITÓRIA DE SANTI	VITÓRIA DE SANTI A MINHA FAMÍLIA NÃO TEM MÚSICOS, ENTÃO TIPO, QUANDO EU COMEÇO A TOCAR FLAUTA AÍ MINHAS TIAS E MEUS TIOS "CARAMBA QUE LEGAL"
ANIMAÇÃO DE IDENTIFICAÇÃO	VITÓRIA DE SANTI TOCAVA PARA ELES, FAZIA UM RECITAL NA SALA ASSIM.
CAM FECHADA ANA GARCIA	ANA GARCIA EU CRESCI NOS CAMARINS DOS TEATROS DAQUI DE RECIFE

<p>ANIMAÇÃO IDENTIFICAÇÃO</p>	<p>ANA GARCIA SOBE SOM TRILHA YOUR GIRL</p>
<p>CAM ABERTA ANA GARCIA</p>	<p>ANA GARCIA SEMPRE ESTAVA NO BACKSTAGE DORMINDO NO SOFÁ, ENQUANTO MEUS PAIS ESTAVAM TOCANDO</p>
<p>CAM ABERTA JÚLIA SOARES</p>	<p>JÚLIA SOARES EU GANHEI MEU PRIMEIRO VIOLÃO QUANDO EU TINHA 6 ANOS. ELE TA AI INCLUSIVE</p>
<p>ANIMAÇÃO DE IDENTIFICAÇÃO</p>	<p>JÚLIA SOARES SOBE SOM TRILHA YOUR EGIR</p>
<p>CAM ABERTA JULIA SOARES</p>	<p>JÚLIA SOARES EU FIZ AULA NO COLÉGIO ASSIM, QUE EU ESTUDAVA</p>
<p>CAM FECHADA KATTY WINNE</p>	<p>KATTY WINNE AÍ QUANDO EU FUI FICANDO MAIS VELHA GANHEI O VIOLÃO, ACHO QUE 19, AÍ COMECEI A TOCAR</p>
<p>CAM ABERTA NATÁLIA NORONHA E VITÓRIA DE SANTI</p>	<p>NATÁLIA NORONHA QUANDO EU TINHA SEI LÁ UNS 8 ANOS MEU PAI ME DEU MEU PRIMEIRO VIOLÃO.</p>
<p>CAM FECHADA NATÁLIA NORONHA</p>	<p>ELE ME ENSINOU O PRIMEIROS ACORDES DE VIOLÃO</p>
<p>ANIMAÇÃO DE IDENTIFICAÇÃO</p>	<p>NATÁLIA NORONHA SOBE SOM TRILHA YOUR GIRL</p>
<p>CAM FECHADA NATÁLIA NORONHA</p>	<p>ME ENSINOU A TOCAR VIOLÃO</p>
<p>CAM ABERTA ANA GARCIA</p>	<p>ANA GARCIA</p>

CAM FECHADA NATÁLIA NORONHA	<p>MINHA MÃE É PIANISTA, MEU PAI É MAESTRO, VIOLINISTA. E DESDE PEQUENOS EU E MEUS IRMÃOS FOMOS INCENTIVADOS A ESTUDAR MÚSICA</p>
IMAGENS SHOW PLUTÃO JÁ FOI PLANETA	<p>NATÁLIA NORONHA AÍ NA ADOLESCÊNCIA, EU SEMPRE EU SEMPRE FREQUENTEI IGREJA EVANGÉLICA DESDE CRIANÇA, E NA ADOLESCÊNCIA EU FIQUEI MAIS ATIVA ASSIM NESSA PARTE MUSICAL ENTÃO EU FIZ AULA DE TEORIA DE MÚSICA, CANTAVA NO CORAL DA IGREJA.</p>
CAM ABERTA NATÁLIA NORONHA E VITÓRIA DE SANTI	<p>SOBE SOM TRILHA ESTRONDO</p>
CAM FECHADA VITÓRIA DE SANTI	<p>TEVE UM DIA QUE EU PAREI AÍ FIZ "CARAMBA EU SÓ ESCUTO BANDA DE HOMEM..." TIPO,</p>
CAM ABERTA ANA GARCIA	<p>VITÓRIA DE SANTI</p> <p>CADÊ AS MULHERES? TÊM QUE TER BANDA DE MULHER TEM QUE TER MULHER CANTANDO TIPO... ACHO QUE EU VI ASSIM, AS QUE MAIS SE SOBRESSAÍRAM MAS QUE ERAM TIPO ARTISTA SOLO, NÉ.</p>
CAM FECHADA ANA GARCIA	<p>ANA GARCIA HÁ QUATRO ANOS ATRÁS EU COMECEI A OLHAR A PROGRAMAÇÃO DO COQUETEL E COMECEI A PERCEBER QUE TINHA UM NÚMERO MUITO MAIOR DE HOMENS PARTICIPANDO DO FESTIVAL QUE MULHERES</p>
CAM FECHADA ANA GARCIA	<p>E DESDE ENTÃO EU ESTOU CADA VEZ MAIS ATENTA A ISSO. HOJE O</p>

CAM FECHADA NATÁLIA NORONHA	FESTIVAL É CINQUENTA/CINQUENTA POR CENTO.
CAM ABERTA VITÓRIA DE SANTI E NATÁLIA NORONHA	<p>NATÁLIA NORONHA EU AINDA NÃO TINHA A PLUTÃO. TINHA ACABADO DE SAIR DA IGREJA. TAVA NESSE PROCESSO AINDA DE TRANSIÇÃO DA IGREJA PRA FORA E EU PASSEI A VER SHOWS DE BANDAS COM MULHERES E EU PASSEI A VER SHOWS DE BANDAS COM MULHERES</p>
IMAGENS ANA MORENA	TIPO A CAMARONES ORQUESTRA GUITARRÍSTICA QUE A
IMAGENS TALMA E GADELHA	BANDA DA ANA MORENA, CURADORA DO SOL, O FESTIVAL DO SOL.
IMAGENS CRIS E EMMILY DO FAR FROM ALASKA	<p>TALMA E GADELHA QUE É A BANDA DE SIMONA TALMA,</p> <p>NA ÉPOCA QUEM TOCAVA NA BANDA ERA CRIS E EMMILY DO FAR FROM ALASKA.</p>
CAM FECHADA NATÁLIA NORONHA	SOBE SOM TRILHA COBRA
CAM ABERTA VITÓRIA DE SANTI E NATÁLIA NORONHA	<p>E AÍ EU GOSTO DE CITAR COMO INSPIRAÇÃO PORQUE REALMENTE FOI O MEU PRIMEIRO CONTATO COM BANDAS COM MULHERES</p> <p>VITÓRIA DE SANTI FUI EM BUSCA NÉ TIPO ACHO QUE WARPAINTE FOI A PRIMEIRA BANDA QUE EU PAREI ASSIM, TIPO É UMA BANDA SÓ DE MULHER,</p>
CAM FECHADA VITÓRIA DE SANTI	
CAM ABERTA KATTY WINNE	TODAS TOCAM MUITO BEM, E AÍ EU FUI BUSCANDO

CAM FECHADA KATTY WINNE	HOJE EM DIA EU VALORIZO MAIS EU ACHO. TEM ESSA COISA, NÉ, VOCÊ CRESCE OUVINDO CARAS NO VOCAL E DAÍ VOCÊ CONHECE A MTV E VÊ UMAS MENINAS INCRÍVEIS TOCANDO E VOCÊ SE INTERESSA POR AQUILO E COMEÇA A PROCURAR
CAM ABERTA ANA GARCIA	EU FALEI CARACA, COMO ASSIM TEM TANTA MENINA INCRÍVEL TOCANDO, BANDA COM MULHERES INCRÍVEIS E VOCÊ NÃO CONHECE PORQUE A MÍDIA NÃO TE APRESENTA, TA LIGADO?
CAM FECHADA ANA GARCIA	<p>ANA GARCIA EU TENHO UM DIRETOR DE PALCO NÉ, UM DIRETOR TÉCNICO NA VERDADE, E AÍ CONVERSANDO A GENTE PRECISA TER MULHERES, MAIS MULHERES TRABALHANDO PORQUE</p> <p>É A ÚNICA ÁREA DO FESTIVAL INTEIRO QUE É DOMINADA POR HOMENS, ASSIM. INTIMIDA, É CHATO, EU MESMO TODA VEZ QUE EU CHEGO LÁ ATRÁS FICO SENTINDO QUE COMO SE NÃO FOSSE O AMBIENTE QUE EU DEVERIA ESTAR, SABE?</p>
CAM ABERTA NATÁLIA NORONHA E VITÓRIA DE SANTI	<p>NATÁLIA NORONHA E EU ACHO QUE VISIBILIDADE É ISSO. TIPO, VOCÊ CRIAR UM CICLO VOCÊ COMENTAR O CICLO SABE? TIPO</p>
CAM FECHADA NATÁLIA NORONHA	BANDAS COM MULHERES VÃO EXPIRAR MULHERES NA PLATEIA E ASSIM A MENSAGEM VAI SER PASSADA SABE? É UM CICLO ASSIM,
CAM FECHADA ANA GARCIA	<p>ANA GARCIA CONSEGUIMOS TER ALGUMAS RODIES, UMA MULHER FAZENDO LUZ, ENTÃO COMEÇARAM A TER UMAS MUDANÇAS SUTIS</p>
IMAGENS DO FESTIVAL COQUETEL MOLOTOV	

CAM ABERTA KATTY WINNE	<p>ANA GARCIA ESSE ANO ESPERO QUE A MUDANÇA CRESÇA</p> <p>SOBE TRILHA - FICAR E O IR DA GENTE</p>
CAM ABERTA NATÁLIA NORONHA E VITÓRIA DE SANTI	<p>KATTY WINNE MAS CONTINUAM VENDENDO A MULHER COMO SE ELA FOSSE UM ENFEITE, TÁ LIGADO? É BONITO A MULHER SEGUNDO UMA GUITARRA E TAL, TOCANDO BAIXO, TOCANDO BATERIA. É BONITO AOS OLHOS E TAL, MAS A GALERA NÃO SE LIGA MUITO EM QUEM É MULHER POR TRÁS, QUAL É A LUTA DELA ALI.</p>
CAM FECHADA ANA GARCIA	<p>NATÁLIA NORONHA ACHO QUE EXISTE MUITO A IDEIA DE QUE MULHERES TÃO ALI PRA SER A PARTE BONITA DA COISA, SABE?</p>
CAM ABERTA NATÁLIA NORONHA E VITÓRIA DE SANTI	<p>ANA GARCIA É UM ESTEREÓTIPO, CLARO, MAS SEMPRE FALO MUITO O QUE EU PENSO E SOU MUITO DIRETA, NÉ. E ÀS VEZES AS PESSOAS ACHAMA QUE ISSO IA UM POUCO CONTRA DO QUE DEVERIA SER UMA MULHER.</p>
IMAGEM NATÁLIA NORONHA SHOW PLUTÃO JÁ FOI PLANETA	<p>NATÁLIA NORONHA DESDE PEQUENA, ACHO QUE A GENTE É ENSINADA A SER BONITA, A TA BONITA, A CRUZAR AS PERNAS,</p>
CAM ABERTA KATTY WINNE	<p>A SER DELICADA, ENTÃO... SE A GENTE TÁ EM UM GRUPO DE PESSOAS, A GENTE TA ALI PRA SER BONITA. ACHO QUE É ESSA A IDEIA QUE SE TEM.</p>

CAM ABERTA VÂNIA MÜLLER	<p>SOBE SOM - TRILHA ALTO MAR</p> <p>KATTY WINNE QUANDO É UM CARA QUE APARECE SE OFERECENDO PRA TOCAR NA SUA BANDA, NINGUÉM PERGUNTA SE ELE TOCA BEM? ELE GOSTA DO ESTILO? A GALERA NÃO SE PREOCUPA MUITO. AGORA SE É UMA MENINA, TEM TODA UMA RESISTÊNCIA, SABE? ESSA MENINA TOCA HÁ QUANTO TEMPO? ELA TEM INSTRUMENTO?</p>
CAM ABERTA JULIA SOARES	<p>VÂNIA MÜLLER NO CASO, POR EXEMPLO, DE PRECISAR DE UM BATERA QUE LARGOU A BANDA, NÃO SEI O QUÊ. AH, TEM A FULANA QUE TOCA. HMMMM, NÃO TEM CRÉDITO UMA MULHER NA BATERIA. NÃO TEM. ELES RODEIAM, VAI BUSCAR ESSA, VAI BUSCAR OUTRA, OUTRO, OUTRO CARA. PORQUE HÁ UM PRINCÍPIO. HÁ UMA VALORAÇÃO. UM JULGAMENTO, DE QUE PROVAVELMENTE NÃO VAI TER A PEGADA, ESSAS PALAVRAS ELES USAM, LITERALMENTE. NÃO TEM A PEGADA DE UM CARA.</p>
CAM FECHADA NATÁLIA NORONHA	<p>JULIA SOARES ACHO QUE A GENTE JÁ TA NUMA FASE TAMBÉM DE A GENTE RECONHECER QUE A GENTE NÃO PRECISA DISSO, QUE A NÃO PRECISA SE PRENDER A NENHUMA FIGURA MASCULINA PRA TER UMA BANDA.</p>
CAM FECHADA VITÓRIA DE SANTI	<p>NATÁLIA NORONHA EU ACHO QUE DIFERENTEMENTE DE HOMENS, A GENTE PRECISA COMEÇAR A CANTAR, OU COMEÇAR A TOCAR PRA PROVAR QUE A GENTE SABE FAZER ALGUMA COISA</p>

<p>CAM ABERTA JULIA SOARES</p>	<p>VITÓRIA DE SANTI ME PERGUNTARAM NUM FESTIVAL QUE TINHA TIPO TRÊS DIAS DE PROGRAMAÇÃO, NÃO SEI QUANTAS BANDAS, CHEGUEI NO PALCO CARA ME PERGUNTOU SE EU SABIA LIGAR O AMPLIFICADOR. ACONTECE ISSO LÁ EM NATAL, EM UMA CASA DE SHOW PEQUENA, E ACONTECE NO SUDESTE, EM UM FESTIVAL GRANDE.</p>
<p>CAM FECHADA VITÓRIA DE SANTI</p>	<p>JULIA SOARES EU LEMBRO DE UM ENSAIO TAMBÉM QUE EU FALEI QUE GOSTAVA THE SMITHS, EU ACHO, E FICARAM ME PERGUNTANDO. NOME DO PRIMEIRO ÁLBUM, NOME DE TODOS OS INTEGRANTES. EU FIQUEI VÉI! POR QUE EU PRECISO... EU FIQUEI PENSANDO PORQUE EU PRECISAVA FICAR PROVANDO ISSO PRAS PESSOAS</p>
<p>CAM ABERTA GOPRO VITÓRIA DE SANTI E NATÁLIA NORONHA</p>	<p>VITÓRIA DE SANTI A GENTE SEMPRE RECEBE A GALERA DEPOIS DO SHOW E AÍ A GALERA VAI BATER UM PAPO COM A GENTE E AI SEMPRE TEM ALGUÉM QUE CHEGA MEIO E FALA PROS MENINOS: AH VOCÊS TOCAM PRA CARAMBA, VOCÊS SÃO FODA. E CHEGA PRA MIM E PRA NATÁLIA: VOCÊS SÃO LINDAS. NÃO!</p>
<p>CAM ABERTA VITÓRIA DE SANTI E NATÁLIA NORONHA</p>	<p>NÃO! NÃO É ISSO</p> <p>NATÁLIA NORONHA SE VOCÊ VAI ELOGIAR ALGUÉM</p>

CAM ABERTA ANA GARCIA	<p>FALE QUE ELA SABE FAZER ALGUMA COISA BEM, SABE? POR QUE NO NOSSO CASO A GENTE É BONITA? POR QUE NÃO VOCÊ TOCA BEM, OU VOCÊ É MUITO BOA TOCANDO BAIXO?</p>
CAM FECHADA ANA GARCIA	<p>VITÓRIA DE SANTI A GENTE TÁ LÁ EM CIMA DO PALCO TOCANDO E É ISSO</p> <p>ANA GARCIA EU CRESCI COM HOMENS ENTÃO FICA DIFÍCIL VOCÊ CONSEGUIR ENXERGAR ASSIM O QUE É DE MESMO MACHISMO OU NÃO PORQUE</p>
CAM ABERTA VITÓRIA DE SANTI E NATÁLIA NORONHA	<p>PORQUE TALVEZ ISSO JÁ TAVA ATÉ INSERIDO DA MINHA CABEÇA SABE, QUE HOJE EU CONSIGO ENXERGAR CADA VEZ MAIS ASSIM, ATÉ EU COMO MULHER JÁ TIVE PENSAMENTOS MACHISTAS</p>
CAM FECHADA ANA GARCIA	<p>NATÁLIA NORONHA A GENTE CONVERSA MUITO SOBRE MACHISMO COM OS MENINOS. A GENTE TEM CONVERSAS LONGAS ASSIM. E JÁ ROLOU SIM DE ALGUÉM FALANDO ALGUMA COISA E A GENTE TIPO NÃO CURTI ISSO E ELES PARAM DE FAZER.</p>
CAM ABERTA KATTY WINNE	<p>ANA GARCIA EU SEMPRE AGUENTEI AS PORRAS ENTRE ASPAS DOS HOMENS, NO SENTIDO DE AS BRINCADEIRAS PESADAS, DE ENFIM</p> <p>KATTY WINNE “VOCÊ NÃO TEM MORAL PORQUE VOCÊ É MULHER.” EU JÁ OUVI ISSO, SABE, TIPO: ELES FALANDO NÃO, NÃO, FOI BRINCADEIRA. MAS ESSA BRINCADEIRA É CHATA. COMO ASSIM, VOCÊ ACHA NO DIREITO DE DIZER</p>

<p>CAM ABERTA JULIA SOARES</p>	<p>UMA COISA ASSIM PRA MIM. "VOCÊ É MULHER VOCÊ NÃO TEM MORAL AQUI"?</p> <p>JULIA SOARES NOSSA EU SAÍ DA BANDA VÁRIAS VEZES NA VERDADE, DESSA TROCO EM BALA, MUITA COISA QUE A GALERA FICAVA FALANDO "AH NÃO FALE, PORQUE VAI VIR A TONA, VAI PEGAR MAL PRA BANDA.." SE EU CONTASSE QUE O BERLE TIPO... JA ME TOCOU SEM EU DEIXAR ELE ME TOCAR ESSAS COISAS,E SEMPRE FALAVAM "AH VAI PEGAR MAL PRA BANDA, VAI NAO SEI O QUE SE VOCE FALAR ISSO A GENTE NÃO VAI TOCAR EM TAL LUGAR A GENTE NÃO VAI CONSEGUIR TAL COISA" E ERA UM SILÊNCIO QUE EU MANTINHA MUITO SABE? E EU REALMENTE NÃO CONSEGUIA FALAR PARA AS PESSOAS ASSIM ATÉ QUE FOI DIFÍCIL AS PESSOAS CONFIAREM NO QUE EU TAVA FALANDO</p>
<p>CAM FECHADA KATTY WINNE</p>	<p>KATTY WINNE VOCÊ QUER MARCAR UM EVENTO PRA SUA BANDA EM OUTRO ESTADO. AÍ QUEM VAI ORGANIZAR O EVENTO É UM CARA, AI TIPO TU MOSTRA O SOM DA TUA BANDA, TU FALA ARRUMA UM LUGAR PRA GENTE TOCAR, ARRUMA UM LUGAR PRA GENTE FICAR.</p>
<p>CAM ABERTA KATTY WINNE</p> <p>IMAGEM KATTY WINNE TOCANDO</p>	<p>SÓ PRECISO QUE VOCÊ PAGUE O COMBUSTÍVEL OU QUALQUER COISA ASSIM. AÍ O CARA VAI E FALA: Ó, OS MENINOS PODEM FICAR NUM HOTEL. VOCÊ PODE FICAR AQUI EM CASA SE QUISER.</p>

	<p>SEMPRE FICO COM MEDO DESSAS COISAS. VOCÊ ACABA FICANDO COM MEDO, PORQUE VOCÊ NÃO SABE TIPO VOCÊ TEM MEDO DE ESTAR TRATANDO COM UM CARA, VOCÊ NÃO SABE AS INTENÇÕES DO CARA. ESSE CARA FICA COM UMAS CONVERSAS ESTRANHAS PRO TEU LADO. COMEÇA A CURTIR AS TUAS FOTOS DO INSTAGRAM OU QUALQUER COISA ASSIM.</p>
CAM FECHADA ANA GARCIA	<p>SOBE SOM TRILHA</p> <p>ANA GARCIA NO NORDESTE TEM VÁRIOS PROBLEMAS. PRIMEIRO É UMA CIDADE MUITO DISTANTE DO SUL. ENTÃO, QUANDO AS BANDAS VÃO FAZER UMA ROTA DE TURNÊ, É DIFÍCIL ENCAIXAR RECIFE. ENTÃO, CLARO, O COQUETEL MOLOTOV AJUDOU MUITO ISSO. A VOLTAR A SER UM CENTRO, NÉ. ONDE AS BANDAS PUDESSEM PASSAR POR SÃO PAULO, RIO DE JANEIRO E IR PRA RECIFE.</p>
CAM ABERTA KATTY WINNE	<p>KATTY WINNE SE VOCÊ TOCA ROCK, AINDA MAIS AQUI NO NORDESTE, NÃO VAI TER LUGAR CERTO PRA VOCÊ TOCAR. VAI ACONTECER SE ALGUÉM REALIZAR UM FESTIVAL, SE ALGUÉM REALIZAR UM EVENTO, AÍ VAI CHAMAR VOCÊ PRA TOCAR.</p>
CAM ABERTA VITÓRIA DE SANTI NATÁLIA NORONHA	<p>NATÁLIA NORONHA O EIXO DE MÚSICA EU ACHO, ACHO QUE MAIS DE ROCK, MAS O EIXO DE MÚSICA NO GERAL ACONTECE AQUI, NÉ? É MAIS SÃO PAULO E RIO. EU ACHO QUE O NORDESTE É MUITO</p>

<p>IMAGEM SHOW PLUTÃO JÁ FOI PLANETA</p>	<p>CONHECIDO POR RITMOS POPULARES. COMO FORRO NÉ. ACHO QUE EM PLENO 2018 DEVE TER GENTE QUE PENSA QUE NORDESTE É SÓ FORRÓ</p>
<p>IMAGEM SHOW PLUTÃO JÁ FOI PLANETA</p>	<p>SOBE SOM TRILHA</p>
<p>CAM ABERTA VITÓRIA DE SANTI E NATÁLIA NORONHA</p>	<p>VITÓRIA DE SANTI A GENTE LANCOU ÁLBUM EM 2014 E EU LEMBRO QUE A GALERA JÁ IA PROS SHOWS CANTANDO, SABENDO TODAS AS LETRAS.</p>
<p>CAM FECHADA ANA GARCIA</p>	<p>ERA VOCÊ ASSISTINDO O SHOW E VENDO CADA PESSOINHA CANTANDO. PORQUE A GENTE TAMBÉM NÃO TINHA NOÇÃO. E NATAL, A GALERA REALMENTE CONSOME, FAZ QUESTÃO DE COMPRAR O CD, DE ACOMPANHAR MESMO. ENTÃO A GENTE SEMPRE TEVE O APOIO</p>
<p>CAM ABERTA JULIA SOARES</p>	<p>ANA GARCIA ACHO QUE TODA CIDADE TEM SEUS PROBLEMAS E TEM A PARTE BOA TAMBÉM, NÉ. RECIFE, EM COMPENSAÇÃO, TEM UM PÚBLICO MARAVILHOSO, ADORA NOVIDADE SABE.</p>
<p>CLÍPE COM IMAGENS DO NORDESTE</p>	<p>JULIA SOARES E EU FICO PREOCUPADA SE A GENTE NÃO PENSA PRIMEIRO FORTALECER A NOSSA REGIÃO E PREFERE REALMENTE IR PRA OUTRO LUGAR. TUDO BEM QUE A GENTE PODE IR E VOLTAR, IR E VOLTAR E FORTALECENDO ESSAS CONEXÕES, MAS ME DEIXA TRISTE QUE O MAR DE OPORTUNIDADE TÁ LÁ.</p>
<p>PASSAGEM EM OLINDA</p>	

<p>PASSAGEM SÃO PAULO</p>	<p>MARIA FERNANDA SALINET NÓS VIEMOS CONHECER ALGUMAS MULHERES QUE FAZEM ROCK AQUI NO NORDESTE. MAS PRA FAZER SUCESSO, ALGUMAS DELAS PRECISAM SAIR DAQUI.</p>
<p>IMAGENS SHOW PLUTÃO JÁ FOI PLANETA</p> <p>CAM FECHADA NATÁLIA NORONHA</p>	<p>ANA CRISTINA MACHADO E ACABAM VINDO PARA CIDADE COMO SÃO PAULO. ONDE A VARIEDADE CULTURAL É BEM MAIOR E ASSIM AUMENTAM TAMBÉM AS CHANCES DE ATINGIR UM PÚBLICO NACIONAL</p> <p>SOBE SOM - TRILHA SUMA DAQUI</p>
<p>CAM ABERTA VITÓRIA DE SANTI E NATÁLIA NORONHA</p>	<p>NATÁLIA NORONHA QUANDO SE É ARTISTA, VOCÊ PRECISA TOCAR, VOCÊ PRECISA VIAJAR, VOCÊ PRECISA CIRCULAR. VOCÊ PRECISA, ENFIM, EXPANDIR ESSE PÚBLICO.</p>
<p>CAM ABERTA KATTY WINNE</p>	<p>E A GENTE ESTANDO EM NATAL FICAVA UM POUCO DIFÍCIL. AS PASSAGENS SÃO CARAS, A GENTE TAVA EM RELAÇÃO A ESSE EIXO AQUI MUITO DISTANTE, NÉ? ENTÃO, A GENTE PRECISAVA VIR PRA CÁ O MAIS RÁPIDO POSSÍVEL.</p>
<p>CAM ABERTA JULIA SOARES</p>	<p>KATTY WINNE A GENTE É LOUCO PRA IR PRA LÁ.VOCÊ NÃO FAZ IDEIA DO QUANTO. A GENTE TEM VÁRIOS AMIGOS LÁ E CHAMAM DIRETO, Ó, VOCÊ TEM QUE VIR PRA CÁ.</p>

CAM ABERTA KATTY WINNE	<p>JULIA SOARES MAS NÃO É UMA COISA QUE ME INTERESSA, SABE? A GENTE PODE RODAR, A GENTE PODE FAZER AS COISAS, A GENTE PENSA NISSO, MAS NÃO É UMA COISA QUE REALMENTE A GENTE TAMBÉM TÁ FAZENDO QUESTÃO SABE?</p>
CAM FECHADA KATTY WINNE	<p>KATTY WINNE ACABA SENDO FRUSTRANTE SE VOCÊ TEM UMA BANDA, VOCÊ LANÇA UM MATERIAL E VOCÊ NÃO SAI DAQUI. PORQUE AQUI VOCÊ NÃO VAI TER LUGAR PRA TOCAR.</p>
IMAGEM KATTY WINNE TOCANDO	<p>AQUI, TIPO, SÓ VAI TER SE ALGUÉM ORGANIZAR, SE UM COLETIVO ORGANIZAR, VAI TER EVENTO. EU PENSO COMO SERIA SE A GENTE TOCAR ASSIM COMO SE FOSSE UMA BANDA DE FORRÓ POR EXEMPLO, OU UMA COISA REGIONAL, A GENTE PODIA TOCAR NOS BARZINHOS TODO FINAL DE SEMANA,</p>
CAM ABERTA VITÓRIA DE SANTI E NATÁLIA NORONHA	<p>SOBE SOM - TRILHA SERIA UMA COISA. A GENTE TOCA SHOEGAZE, A GALERA NEM SABE O QUE É</p>
IMAGEM SHOW PLUTÃO JÁ FOI PLANETA	<p>NATÁLIA NORONHA ISSO DE A GENTE VIR PRA OUTRA CIDADE, COM OUTRO RITMO, COM OUTRO CLIMA, COM OUTRO JEITO DE A CIDADE FUNCIONAR, ISSO TUDO VAI TA NO RESULTADO FINAL DE ALGUMA MÚSICA, SABE? E ESTRONDO FOI A PRIMEIRA COMPOSIÇÃO DEPOIS QUE A GENTE VEIO PRA CÁ.</p> <p>SOBE SOM - TRILHA ESTRONDO</p> <p>NATÁLIA NORONHA</p>

<p>CAM ABERTA JULIA SOARES</p>	<p>A GENTE PARTICIPOU DO PROGRAMA SUPER STAR DA GLOBO, EM 2016, E AÍ A GENTE CHEGOU NA FINAL COM OUTRA BANDA A GENTE PARTICIPOU DO PROGRAMA SUPERSTAR DA GLOBO EM 2016 E A GENTE CHEGOU À FINAL COM OUTRA BANDA DO NORDESTE QUE ERA A BANDA DE FORRÓ FULÔ DE MANDACARU. E AÍ ELES GANHARAM. E AÍ MUITA GENTE NA INTERNET TAVA COMENTANDO ASSIM "VOU TORCER PRA FULÔ DE MANDACARU PQ ELES SÃO NORDESTINOS, ELES SÃO DO NORDESTE E É ISSO AÍ" E AÍ ROLARAM COMENTÁRIOS ASSIM, SE CONTRAPONDO ASSIM "MAS A PLUTÃO TAMBÉM É DO NORDESTE... NÃO É PORQUE ELES NÃO CARREGAM AQUELE ESTEREÓTIPO NORDESTINO, NÃO USAM CHAPÉU DE CANGACEIRO OU NÃO TOCAM FORRÓ QUE ELES NAO SAO NORDESTINOS", EU ACHO QUE A CARGA NORDESTINA TÁ DENTRO DA GENTE TAMBÉM DE OUTRA MANEIRA, SEJA NO JEITO DE FALAR, NO JEITO DE... SEI LÁ NO SOTAQUE.</p>
<p>CAM ABERTA VITÓRIA DE SANTI E NATÁLIA NORONHA</p>	<p>JULIA SOARES AS PESSOAS QUE EU ENTREI EM CONTATO DE FORA ELAS SEMPRE NORMALMENTE COMENTAM ESSA PARADA DO SOTAQUE QUE EU ACHO MASSA, ASSIM, PERCEBER MAS TAMBÉM ME COMPLICA PORQUE A GENTE TAMBÉM NÃO FICA FALANDO PO QUE MASSA QUE VOCÊ.. O SEU SOTAQUE COISA MAIS NORMAL SABE?</p>
<p>CAM ABERTA JULIA SOARES</p>	<p>NATÁLIA NORONHA A GENTE TOCOU NO RIO MÊS PASSADO, E AÍ A GENTE OUVIU FALAR QUE TINHAM UMAS PESSOAS NA PLATEIA QUE TAVA DEBOCHANDO DO NOSSO SOTAQUE</p>

CAM FECHADA NATÁLIA NORONHA	<p>JULIA SOARES</p> <p>ACHO QUE A GALERA ACHA MUITO ENGRAÇADO QUANDO EU CANTO ALGUMA DAS OUTRAS MENINAS CANTA E CANTA COM O NOSSO SOTAQUE ASSIM ENTÃO VOCÊ JÁ CHAMA ATENÇÃO PORQUE VOCÊ É MINA E VOCÊ DEPOIS CHAMA OUTRA ATENÇÃO PORQUE VOCÊ É NORDESTINA</p>
IMAGEM SHOW PLUTÃO JÁ FOI PLANETA	<p>MAS A GENTE PODE TIRAR DISSO É QUE... MUITO BIZARRO, PRIMEIRO... SEGUNDO QUE A GENTE TA EM 2018 NÃO TEM MAIS ESPAÇO, NÃO TEM MAIS LUGAR, NAO TEM MAIS PORQUE A GENTE TER ESSE TIPO DE PRECONCEITO...</p>
PASSAGEM SÃO PAULO	<p>SOBE SOM - TRILHA</p>
PASSAGEM SÃO PAULO	<p>MARIA FERNANDA SALINET</p> <p>AS MULHERES ESTÃO CONSEGUINDO OCUPAR MAIS ESPAÇOS NO ROCK, E A SOCIEDADE ESTÁ COMEÇANDO A PERCEBER A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTATIVIDADE DELAS NAS MÚSICA.</p>
	<p>ANA CRISTINA MACHADO</p> <p>UM EXEMPLO DISSO ACONTECEU EM FEVEREIRO DESSE ANO, APÓS DOIS FESTIVAIS TRADICIONAIS DA INGLATERRA SE SE ENVOLVEREM EM UMA POLÊMICA POR CAUSA DA</p>

PASSAGEM SÃO PAULO

FALTA DE REPRESENTATIVIDADE FEMININA NO LINEUP. VÁRIOS FESTIVAIS DO MUNDO TODO SE REUNIRAM PRA DISCUTIR A PRESENÇA DAS MULHERES NOS SHOWS. E ASSIM, FICOU DEFINIDO UM ACORDO, 50% DAS BANDAS OU CANTORES, PRECISAM SER MULHERES.

PASSAGEM SÃO PAULO

MARIA FERNANDA SALINET

MAIS DE 40 FESTIVAIS ASSINARAM O ACORDO PORQUE PERCEBERAM A IMPORTÂNCIA DESSA DISCUSSÃO. JÁ QUE NOS ÚLTIMOS ANOS, FALTARAM REPRESENTANTES MULHERES, PRINCIPALMENTE NOS PALCOS PRINCIPAIS.

PASSAGEM SÃO PAULO

ANA CRISTINA MACHADO

POR EXEMPLO, NO FESTIVAL LOLLAPALOOZA QUE ACONTECEU NESTE ANO, DE 72 ARTISTAS QUE ESTAVAM PARTICIPANDO, APENAS 16 ERAM BANDAS COM MULHERES OU CANTORAS SOLO. ISSO REPRESENTA APENAS 20% DO TOTAL PARTICIPANTE.

IMAGENS DO LOLLAPALLOZA

MARIA FERNANDA SALINET

MAS A GENTE ESPERA QUE ISSO MUDE NOS PRÓXIMOS ANOS, ATÉ PORQUE MUITAS VEZES ESSES SHOWS SÃO AS PRINCIPAIS MOTIVAÇÕES QUE JOVENS MUSICISTAS ENCONTRARAM PRA IR ATRÁS DE SEUS SONHOS E PRA

SOBE SOM - TRILHA

MARIA FERNANDA SALINET

CAM ABERTA VÂNIA BEATRIZ MÜLLER	<p>PERCEBER QUE TAMBÉM SÃO CAPAZES DE OCUPAR ESSES ESPAÇOS.</p> <p>SOBE SOM - TRILHA</p> <p>VÂNIA BEATRIZ MÜLLER FAZ DIFERENÇA SE ELA É BRANCA, SE ELA É NEGRA. É ROCK? O QUE É ROCK? POR QUE NÃO SE ENCONTRA ROCK NA MULHER NEGRA? QUAL MULHER FAZ ROCK? ISSO DIZ VÁRIA COISAS SOBRE RAÇA, SOBRE CLASSE E SOBRE GÊNERO.</p>
CAM FECHADA NATÁLIA NORONHA	
CAM ABERTA KATTY WINNE	<p>NATÁLIA NORONHA SE FESTIVAIS QUEREM SER MODERNOS, E SEGUIR TENDÊNCIAS E ACOMPANHAR A EVOLUÇÃO DA SOCIEDADE, ELES TÊM QUE TAMBÉM IR ATENDER ÀS SUAS MUDANÇAS ESTÃO ACONTECENDO NÉ, TEM QUE SER DIVERSIFICADOS, TEM QUE TER MULHERES SIM, TEM QUE TER MULHERES NEGRAS, TRANS, MULHERES TRANS</p>
CAM ABERTA VITÓRIA DE SANTI E NATÁLIA NORONHA	<p>KATTY WINNE AS MINAS TOCAM MUITO, MAS ELAS SÓ NÃO TÃO AÍ SENÃO CITADAS PORQUE O MERCADO É MASCULINO. POR QUE ELES SÓ QUEREM SABER DOS CARAS;</p>
CAM FECHADA ANA GARCIA	<p>NATÁLIA NORONHA EU ACHO QUE... TÁ FALTANDO ASSIM UM POUCO DE APREÇO ASSIM, SABE? DOS FESTIVAIS UM POUCO DE CUIDADO DE OLHAR O QUE QUE TÁ ACONTECENDO. TÁ AÍ A GENTE TEM MUITAS MENINAS, MUITAS BANDAS COM MULHERES FAZENDO O ROLÊ TODO ACONTECER, APARECENDO</p>

<p>CAM ABERTA JULIA SOARES</p>	<p>EM TUDO QUE É LUGAR. E AÍ? E AÍ ELAS NÃO TOCAM NOS FESTIVAIS?</p> <p>ANA GARCIA EU JÁ ME PEGUEI NA DEFENSIVA ASSIM EM ALGUM MOMENTO FALANDO, NÃO.O QUE IMPORTA É TER MÚSICA BOA. NÃO IMPORTA SE É HOMEM OU MULHER E DEPOIS QUE EU FUI ENXERGAR EU FALEI ASSIM “NÃO, TEM QUE COLOCAR AS MULHERES E TEMOS QUE DEFENDER ISSO” E COMECEI A ENTENDER QUE O FESTIVAL TEM UM PAPEL POLÍTICO MUITO FORTE</p>
<p>CAM ABERTA KATTY WINNE</p>	<p>JULIA SOARES A GENTE SE POSICIONAR ENQUANTO MULHER NESSE ESPAÇO ENTÃO ISSO NÃO FOI UMA COISA QUE REPERCUTIU SÓ PARA MIM COMO MUSICISTA MAS PARA MIM COMO ALGUÉM QUE TAMBÉM COMEÇOU A QUERER FAZER DISSO UMA PARADA POLÍTICA MESMO ASSIM E UMA PARADA QUE... QUE EU ACABO VENDO QUE PODE DAR CERTO SABE? QUE A GENTE PODE INCENTIVAR OUTRAS PESSOAS.</p>
<p>IMAGEM JULIA SOARES</p> <p>IMAGEM KATTY WINNE</p> <p>IMAGEM PLUTÃO JÁ FOI PLANETA</p>	<p>KATTY WINNE EU QUERO MUITO QUE TUDO ISSO MUDE, TA LIGADO? EU QUERO VER MULHER. EU QUERO VER UM FESTIVAL SÓ DE MULHERES, TA LIGADO: MULHER PRODUZINDO, MULHER ORGANIZANDO, MULHER TOCANDO. ACHO QUE É UM SONHO ASSIM PRA MIM. MESMO QUE EU ESTEJA SEI LA... ESPERO QUE SEJA LOGO, MAS SE EU TIVER COM MEUS OITENTA ANOS E AINDA PODER IR NOS SHOWS E VER SÓ MULHER E TAL PRODUZINDO, TOCANDO, TOMANDO CONTA DA LUZ, DA MESA DE SOM, DE TUDO, EU VOU</p>

TELA PRETA = CRÉDITOS

FICAR MUITO FELIZ. VAI SER UM
SONHO REALIZADO, ENTENDEU?

SOBE SOM - TRILHA

SOBE SOM - TRILHA

SOBE SOM - TRILHA
TRILHA - YOUR GIRL

